



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 271 - Dezembro 2025

Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€ - ISSN 3051-6757

*“Estar na vossa presença
e Vos servir”*

*Flashes
de Fátima*





ARAUTOS
DO EVANGELHO

CONCERTOS *de Natal*



GUIMARÃES ❖ 07/12 - 16h00 ❖ Igreja de São Francisco (Concerto)
PORTO ❖ 20/12 - 18h30 ❖ Igreja da Trindade (Missa e Concerto)
BRAGA ❖ 21/12 - 15h30 ❖ Cripta do Santuário do Sameiro (Concerto e Missa)
ÉVORA ❖ 26/12 - 18h00 ❖ Sé Catedral (Missa e Concerto)
LISBOA ❖ 27/12 - 16h30 ❖ Basílica da Estrela (Concerto)
LISBOA ❖ 28/12 - 10h00 ❖ Basílica dos Mártires (Missa de Natal)

Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVII nº 271 - Dezembro 2025

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

SUMÁRIO

➤ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➤ EDITORIAL	
Claves angélica e marial do sacerdócio	5
➤ A VOZ DOS PAPAS	
A tarefa central do sacerdote	6
➤ A LITURGIA DOMINICAL	
O profeta do Altíssimo	8
Alegrai-vos, admirai!	9
Dois silêncios... e um ensinamento	10
Uma escolha decisiva	11
As portas do inferno não prevalecerão contra a família!	12
➤ EXEMPLOS QUE ARRASTAM	
Salvo pelo Natal	13
➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
O sacerdócio supremo	14
➤ TEMA DO MÊS – A SAGRADA LITURGIA	
Nela residem as melhores expectativas da humanidade	18
➤ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Jesus Cristo vivo na terra	21
➤ VERDADES CATÓLICAS	
Nossa Senhora e a Eucaristia – O Sacramento de Maria	22
➤ SÃO TOMÁS ENSINA	
Por que usar paramentos litúrgicos?	25
➤ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Amor ao “unum” da Santa Igreja	26
➤ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Giovanni Gabrieli e a música sacra – Cantai ao Senhor um canto novo	30
➤ ESPLENDORES DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ	
O órgão da Basílica de Nossa Senhora do Rosário – Um vitral de sons	34
➤ VOCÊ SABIA... ..	37
➤ VIDA DOS SANTOS	
Venerável Teresa de Santo Agostinho – Uma carmelita de fábula	38
➤ DONA LUCILIA	
Semente de um glorioso porvir	42
➤ ARAUTOS NO MUNDO	
➤ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
Jônatas – Docilidade às inspirações do Senhor	48
➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Enlevo, serviço e sacrifício pervadido de alegria	50



11 Diante d'Ele só há duas
opções: luz ou trevas



14 Sumo Sacerdote,
Mediador perfeito



22 Eucaristia e Maria,
realidades inseparáveis



25 Paramentos:
mero enfeite?

Arquivo Revista

Reprodução

Arquivo Revista

Stephen Nami

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Em algumas igrejas recebemos na Comunhão a Hóstia Sagrada molhada no vinho, ou seja, o Corpo e o Sangue de Jesus. Em outras, porém, somente os padres e diáconos recebem o Sangue; os leigos, apenas o Corpo. Padre, poderia me explicar por que não se oferece também aos leigos o Sangue de Jesus?

Wilson Zanola (via e-mail)

Em cada Celebração Eucarística, Jesus Se faz presente para ser oferecido em sacrifício e recebido em comunhão.

Nas Igrejas Católicas de rito oriental – melquita, maronita e ucraniano, entre outros – se prescreve que a Sagrada Comunhão seja habitualmente distribuída aos fiéis sob as espécies do pão e do vinho consagrados. Na Igreja Católica de rito latino ela é usualmente distribuída apenas sob a espécie do pão consagrado, embora haja algumas exceções, como se verá abaixo.

O *Código de Direito Canônico* assim estabelece no cânon 925: “Distribua-se a Sagrada Comunhão só sob a espécie de pão ou, de acordo com as leis litúrgicas, sob ambas as espécies; mas, em caso de necessidade, também apenas sob a espécie de vinho”.

Nas Missas o celebrante principal e os concelebrantes, se os houver, devem receber a Comunhão sob as duas espécies, ou seja, comungam a Sagrada Forma ali consagrada, bem como do cálice (cf. *Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Redemptionis sacramentum*, n.98). Também é permitida a Comunhão sob as duas espécies aos sacerdotes que não podem celebrar ou concelebrar o Santo Sacrifício, aos diáconos e a todos os que exercem algum ofício na Missa (cf. *Instrução geral sobre o Missal Romano*, n.283).

Quanto aos fiéis, se lhes pode administrar a Comunhão sob as duas espécies, geralmente por intinção – quando o sacerdote molha a Sagrada Hóstia no Vinho consagrado –, em algumas circunstâncias como, por exemplo: para os neocomungantes; para os nubentes, durante a celebração do Matrimônio dentro da Missa; na Solenidade de Corpus Christi, a juízo do celebrante.

O Bispo Diocesano tem a faculdade de permitir a Comunhão sob as duas espécies, sempre que pareça apropriado ao sacerdote a cujos cuidados pastorais está confiada determinada comunidade, desde que se observem três requisitos (cf. *Instrução geral sobre o Missal Romano*, n.283):

1. que os fiéis estejam bem instruídos a respeito;
2. que não haja qualquer perigo de profanação do Santíssimo Sacramento;

3. que o rito não se torne difícil em virtude do grande número participantes ou por outro motivo.

Para evitar profanação, deve-se ter cuidado no modo de distribuir a Eucaristia. É justamente por essa razão que se torna mais difícil dar a Comunhão sob as duas espécies quando há uma multidão de participantes na Santa Missa.

Por fim, é importante que os fiéis sejam instruídos de que na Hóstia Sagrada está presente o Corpo de Cristo, mas também, por concomitância, seu Sangue, Alma e Divindade; e no Vinho consagrado está presente o Sangue de Cristo, mas de igual modo seu Corpo, Alma e Divindade (cf. CCE 1374). “Eis por que é absolutamente verdadeiro que sob cada uma das espécies está contido exatamente o mesmo que em ambas juntas, pois o Cristo está todo inteiro sob a espécie do pão e sob qualquer parte desta espécie, e igualmente está todo sob a espécie do vinho e sob suas partes” (Concílio de Trento. *Decreto sobre a Eucaristia*: DH 1641).

Na Sequência da Missa da Solenidade de Corpus Christi temos este belo ensinamento: “Pão e vinho consagramos para nossa salvação. Faz-se Carne o pão de trigo, faz-se Sangue o vinho amigo: deve-o crer todo cristão. [...] Alimento verdadeiro, permanece o Cristo inteiro quer no vinho, quer no pão. É por todos recebido, não em parte ou dividido, pois inteiro é que Se dá!”

Caro Wilson, por certo a Comunhão sob as duas espécies reflete de forma mais completa o caráter de sagrado banquete da Eucaristia, além de nossa sensibilidade ser maior quando comungamos também do Vinho consagrado. Muito mais importante do que isso, porém, resulta o empenho em restringir ao mínimo as possibilidades de profanação do Santíssimo Sacramento. E é este o motivo pelo qual a Santa Igreja permite a Comunhão sob as duas espécies apenas em circunstâncias especiais.

Como o tema, entretanto, presta-se a múltiplos e interessantíssimos desdobramentos que excederiam os limites desta resposta, ocorreu-me sugerir ao conselho da revista *Arautos do Evangelho* a redação de um artigo mais detalhado a respeito, proposta que foi acolhida. Em breve, voltaremos ao assunto!



CLAVES ANGÉLICA E MARIAL DO SACERDÓCIO

A Santíssima Trindade encerra a mais sublime das liturgias, na qual o Pai gera o Filho e de Ambos procede o Espírito Santo. Pela Encarnação, o Filho, enquanto Sacerdote, glorifica o Pai ao oferecer as preces e oblações de todo o seu Corpo Místico, ao qual pertencem inclusive os Anjos, conforme afirma São Tomás de Aquino (cf. *Suma Teológica*. III, q.8, a.4).

Nesta terra a Santa Missa é a oração por excelência, celebrada na pessoa do próprio Cristo – *in persona Christi* – pelo ministro ordenado. O papel deste consiste em ser mediador – pontífice – entre Deus e os homens, oferecendo-lhes as coisas sagradas, como sugere a etimologia de *sacerdote*: *sacra dans*.

Em oposição a certas concepções funcionalísticas do sacerdócio, a Sagrada Escritura o define como estar “na presença de Deus e exercer o ministério em nome do Senhor, para sempre” (Dt 18, 5). Esse conceito é traduzido pelo Rito de Ordenação, no qual o vocacionado responde ao chamado: “*Adsum!* – Eis-me aqui!” Desde o início, manifesta-se a total disponibilidade de estar diante do Senhor, “vê-Lo e ser visto por Ele”, como define São Cura d’Ars a propósito da oração.

A Tradição apostólica sintetizou essa essência do sacerdócio numa expressão da Oração Eucarística II, que remonta ao século II: “*Astare coram te et tibi ministrare* – Estar na vossa presença e Vos servir”. A Liturgia terrestre é participação da celeste, na qual as miríades de Anjos estão constantemente de pé (cf. Dn 7, 10; 12, 1) na presença do Senhor (cf. Tb 12, 15; Lc 1, 19), em contemplação e adoração (cf. Ap 4, 4-11).

Com efeito, pela exclusividade do serviço – *diakonia* – os presbíteros participam da função dos “espíritos destinados a servir” (Hb 1, 14). Segundo Santo Ambrósio (cf. *Expositio Psalmi. In Psalmum CXVIII*. Sermo 10, n.14: PL 15, 1334), o “estar de pé” por parte dos Anjos nada mais significa do que servir, e assim também os ministros sagrados foram ordenados para *ministrar*, isto é, servir numa consagração total de si mesmos “como um sacrifício vivo e santo” (Rm 12, 1).

Além dessa nota angélica, pode-se evidenciar que o sacerdócio possui uma raiz intrinsecamente marial. De fato, São Gabriel anunciou à Virgem: “O Senhor é contigo” (Lc 1, 28), manifestando a constante união d’Ela com Deus. A alma jubilosa de Nossa Senhora se uniu aos Anjos que entoaram na presença do Altíssimo o Glória (cf. Lc 2, 14) inaugural de todas as solenidades. Por fim, sempre de pé (cf. Jo 19, 25), uniu-se Ela ao ato litúrgico por excelência, o sacrifício redentor do Sacerdote Eterno no Calvário.

Na resposta ao Arcanjo, Maria Santíssima revelou também sua incondicional disposição em Se conformar com a vontade divina: “Eis aqui a Escrava do Senhor” (Lc 1, 38). Outrossim, nas Bodas de Caná “a Mãe de Jesus estava ali” (Jo 2, 1) para servir e ser advogada junto ao Filho em toda e qualquer necessidade. Por fim, aos pés da Cruz, Cristo Lhe confiou um ministro ordenado, João, que logo A recebeu como sua Mãe, profetizando-A no Apocalipse como o “sinal grandioso” (12, 1).

Em meio ao hiperativismo contemporâneo e ao lamentável desdouro litúrgico em algumas searas, é assaz auspicioso ressaltar essas claves angélica e marial do sacerdócio, de modo a retomar a sua essência: viver por Cristo, na presença d’Ele, de Maria e dos Anjos, e em seu abnegado serviço. ✠



*Missa na Basílica
de Nossa Senhora
do Rosário,
Caieiras (SP)*

Foto: Stephen Nami



A tarefa central do sacerdote

Devemos aprender a compreender cada vez mais a Sagrada Liturgia em toda a sua essência, desenvolver uma viva familiaridade com ela, de modo que se torne a alma da nossa vida cotidiana.

ATO NO QUAL ENTRAMOS EM CONTATO COM DEUS

A Igreja torna-se visível de muitos modos: no gesto caritativo, nos projetos de missão, no apostolado pessoal que cada cristão deve levar a cabo no seu próprio ambiente. Mas o lugar onde ela é vivida plenamente como Igreja é a Liturgia: ela é o ato no qual cremos que Deus entra na nossa realidade e nós O podemos encontrar e tocar. É o ato no qual entramos em contato com Deus: Ele vem a nós, e nós somos iluminados por Ele.

BENTO XVI.
Audiência geral, 3/10/2012

AÇÃO SAGRADA POR EXCELÊNCIA

A Liturgia [...] contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos. [...]

Qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por

excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja.

SÃO PAULO VI. *Sacrosanctum concilium*, constituição do Concílio Vaticano II, 4/12/1963

MEIO PELO QUAL SE PERPETUA O OFÍCIO SACERDOTAL DE CRISTO

O Divino Redentor quis, ainda, que a vida sacerdotal por Ele iniciada em seu Corpo mortal, com as suas preces e o seu sacrifício, não cessasse no correr dos séculos no seu Corpo Místico, que é a Igreja; e por isso instituiu um sacerdócio visível para oferecer em toda parte a oblação pura [...].

A Igreja, pois, fiel ao mandato recebido do seu Fundador, continua o ofício sacerdotal de Jesus Cristo sobretudo com a Sagrada Liturgia. E o faz em primeiro lugar no altar, onde o Sacrifício da Cruz é perpetuamente representado e renovado, com a única diferença no modo de oferecer.

PIO XII.
Mediator Dei, 20/11/1947

ESTAR DIANTE DO SENHOR: A "PROFISSÃO" DO SACERDOTE

O que significa "ser sacerdote de Jesus Cristo"? O Cânon II do nosso missal, que provavelmente foi redigido já no final do século II em Roma,

descreve a essência do ministério sacerdotal com as mesmas palavras com as quais, no Livro do Deuteronômio (cf. Dt 18, 5.7), era descrita a essência do sacerdócio veterotestamentário: *astare coram te et tibi ministrare*. Portanto, são duas as tarefas que definem a essência do ministério sacerdotal: em primeiro lugar o "estar diante do Senhor".

No Livro do Deuteronômio isto deve ser lido no contexto da disposição precedente, segundo a qual os sacerdotes não recebiam porção alguma de terreno na Terra Santa; eles viviam de Deus e por Deus. Não se ocupavam dos normais trabalhos necessários para o sustento da vida cotidiana. A sua profissão era "estar diante do Senhor", olhar para Ele, viver para Ele. Assim, em última análise, a palavra indicava uma vida na presença de Deus e com isto também um ministério em representação dos outros. Assim como os outros cultivavam a terra, da qual vivia também o sacerdote, assim ele mantinha o mundo aberto para Deus, devia viver com o olhar dirigido para Ele.

BENTO XVI.
Homilia, 20/3/2008

ALMA DA VIDA COTIDIANA

Passemos agora à segunda palavra, que o Cânon II retoma do texto do Antigo Testamento: "estar diante de Ti e servir-Te". [...] Devemos aprender sempre a compreender cada vez mais

a Sagrada Liturgia em toda a sua essência, desenvolver uma viva familiaridade com ela, de modo que se torne a alma da nossa vida cotidiana. É então que celebramos de modo justo, que sobressai a *ars celebrandi*, a arte de celebrar. Nesta arte nada deve haver de artificial. Se a Liturgia é uma tarefa central do sacerdote, isto significa também que a oração deve ser uma realidade prioritária [...].

Ninguém está tão próximo do seu senhor como o servo que tem acesso à dimensão mais privada da sua vida. Neste sentido “servir” significa proximidade, exige familiaridade. Esta familiaridade inclui também um perigo: o de que o sagrado por nós continuamente encontrado se torne para nós um hábito. Desaparece assim o temor reverencial. [...] Contra este acostumar-se à realidade extraordinária, contra a indiferença do coração, devemos lutar sem trêguas, reconhecendo sempre de novo a nossa insuficiência e a graça que existe no fato de que Ele Se entregue assim nas nossas mãos.

BENTO XVI.
Homilia, 20/3/2008

LITURGIA DIGNA, MESMO EM COMUNIDADES POBRES

A Liturgia sempre seja digna, mesmo em comunidades restritas e pobres de meios; que seja aberta à participação ativa e esclarecida dos diferentes membros da assembleia, cada um segundo a sua categoria e a sua vocação; que ela utilize judiciosamente as diversas possibilidades de expressão autorizadas, sem se entregar a uma criatividade fantasista, improvisada ou mal estudada, que as normas não permitem, precisamente porque ela lhes desnatur-



Leandro Souza

A profissão do sacerdote é “estar diante do Senhor”, olhar para Ele, viver para Ele; assim o ministro sagrado mantém o mundo aberto para Deus

Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

ralizaria o sentido; que a Liturgia inicie verdadeiramente no mistério de Deus, pela sua atmosfera de recolhimento e pela qualidade das leituras e dos cantos. [...] Façamos que as nossas Missas deixem transparecer o “mistério da Fé” e tenham o atrativo dele.

SÃO JOÃO PAULO II.
Discurso, 24/9/1982

NA CELEBRAÇÃO DEVE SOBRESSAIR A CENTRALIDADE DE CRISTO

A Liturgia não é a recordação de acontecimentos passados, mas a presença viva do mistério pascal de Cristo, que transcende e une os tempos e os espaços. Se na celebração não sobressai a centralidade de Cristo, não teremos a Liturgia cristã, totalmente dependente do Senhor e sustentada pela sua presença criadora. [...]

Portanto, não é o indivíduo – sacerdote ou fiel – ou o grupo que celebra a Liturgia, mas ela é primariamente obra de Deus através da Igreja, que tem a sua história, a sua rica tradição e a sua criatividade. Esta universalidade e abertura fundamentais, que são próprias de cada Liturgia, constituem um dos motivos pelos quais ela não pode ser idealizada nem modificada por uma comunidade ou por peritos, mas deve ser fiel às formas da Igreja universal.

BENTO XVI.
Audiência geral, 3/10/2012

IMAGEM DA ETERNIDADE

Numa Liturgia totalmente centrada em Deus, nos ritos e nos cânticos, se vê uma imagem da eternidade. [...] Neste contexto peço-vos: realizai a Sagrada Liturgia

tendo o olhar em Deus na Comunhão dos Santos, da Igreja vivente de todos os lugares e de todos os tempos, para que se torne expressão da beleza e da sublimidade do Deus amigo dos homens!

BENTO XVI.
Discurso, 9/9/2007

UMA BRECHA DE CÉU SOBRE A TERRA

É verdadeiramente grandioso o mistério que se realiza na Liturgia. Nele, abre-se sobre a terra uma brecha de Céu e, da comunidade dos fiéis eleva-se, em sintonia com o cântico da Jerusalém celestial, o perene hino de louvor: “*Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth*”.

SÃO JOÃO PAULO II.
Spiritus et Sponsa, 4/12/2003



O profeta do Altíssimo



✠ Pe. Hamilton José Naville, EP

*Entre as
múltiplas
virtudes do
Precursor,
brilha a
verdadeira
humildade,
que consiste
sobretudo
na defesa
da glória de
Deus e no
apagamento
de si mesmo*

Neste 2º Domingo do Advento a figura de São João Batista aparece, na pena de São Mateus, pregando no deserto da Judeia. Vestia-se rudemente e se alimentava de mel silvestre e gafanhotos, contrapondo-se aos costumes mundanos da época. Habitantes de Jerusalém, da Judeia e de além-Jordão o procuravam para ouvir sua pregação e serem batizados.

Apesar de sua humilde aparência, contra o mal ele era implacável. Dirigindo-se aos fariseus e saduceus, que se misturavam à multidão para o observarem, advertia: “Raça de cobras venenosas, quem vos ensinou a fugir da ira que vai chegar?” (Mt 3, 7).

Assim ele os chamava porque geravam sempre mais filhos da perdição e para perdição! Explicamos São Tomás¹ que é louvável sofrer com paciência as injúrias que se nos fazem; mas é sumamente ímpio perdoar aquelas feitas a Deus.

Quanta semelhança entre essas palavras cheias de fogo e as admoestações pronunciadas pelo Salvador contra essa mesma gente, quando a increpava: “Serpentes! Raça de víboras!

Como escapareis ao castigo do inferno?” (Mt 23, 33).

O Precursor nos convida, neste Tempo do Advento, a uma mudança de vida através da vigilância, oração e penitência. Uma conversão

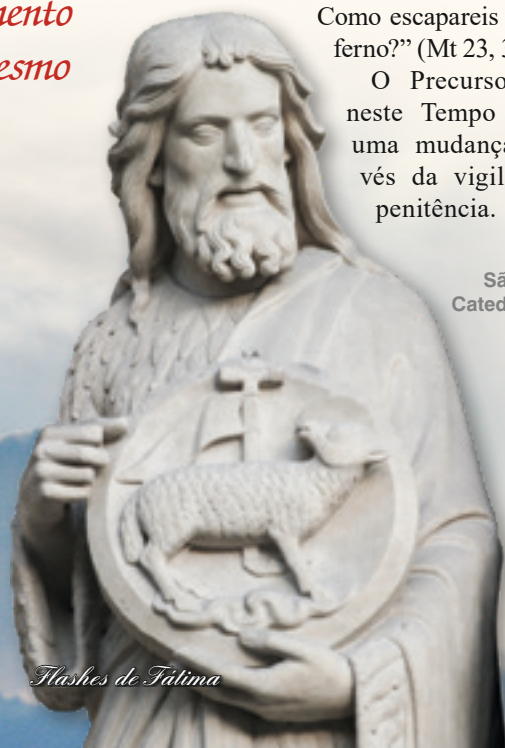
interior radical e verdadeira, não farisaica e mentirosa – portanto, feita apenas de exterioridades – nem sedenta de privilégios como a dos saduceus, pois de nada adianta dizermos que “temos Abraão por pai” (Mt 3, 9) se não produzimos frutos de santidade.

João, aquela criança que estremeceu de alegria no seio de sua mãe, Isabel, quando ouviu a voz de Maria (cf. Lc 1, 44); João, de quem Jesus disse ser o maior entre os nascidos de mulher (cf. Mt 11, 11); João, que de si mesmo declarou não se considerar digno de desamarrar a correia das sandálias de Nosso Senhor (cf. Jo 1, 27); João, mensageiro divino em cuja alma resplandecem tantas e tantas virtudes... oxalá possamos imitá-lo em sua humildade.

Santa Teresa de Jesus² nos ensina que a humildade consiste em andar na verdade, e São Tomás³ afirma ser ela completada pela magnanimidade. Sem esta, a humildade deixa de ser real, e passa a ser pusilanimidade e até mesmo covardia.

O Batista não se acovardou diante do Tetrarca da Galileia, Herodes Antipas, exprobrando sua impiedade e seu pecado, e por amor à verdade foi martirizado. Quando, a pedido de Salomé, trouxeram sua cabeça numa bandeja, de seus olhos meios cerrados e de seus lábios virginais entreabertos ainda ecoava o brado: “Não te é lícito!” (Mt 14, 4).

Sigamos o exemplo do profeta do Altíssimo e amemos seus ensinamentos. Sejamos nós também paladinos da Santa Igreja sem respeito humano, defendendo sempre a verdade inteira. Humildes, vigilantes e com as nossas lâmpadas acesas, estejamos à espera do Menino Deus, que vai nascer. ✠



São João Batista -
Catedral de Notre-Dame,
Paris

Sergio Holmann

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.108, a.1, ad 2.

² Cf. SANTA TERESA DE JESUS. *Moradas del castillo interior*. Moradas sextas, c.10, n.8.

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.133, a.2.

Alegrai-vos, admirai!



✠ Pe. Felipe Garcia López Ria, EP

Ao considerar as palavras do profeta Isaías escolhidas para a segunda leitura deste domingo – “Alegre-se a terra que era deserta e intransitável, [...] e floresça como um lírio” (35, 1) –, vemos como muitas vezes Deus Se compraz em suspender as regras criadas por Ele para a natureza. Com efeito, não é normal um deserto florescer como um lírio...

Uma imagem semelhante era utilizada por Dr. Plínio Corrêa de Oliveira para simbolizar o reflorescimento do brilho da Santa Igreja nos últimos tempos, por meio de Nossa Senhora, profetizado por São Luís Maria Grignon de Montfort:¹ “Um lírio nascido do lodo, durante a noite e sob a tempestade”. O mundo atual – manchado pelo lodo da inveja, imerso na noite da tristeza, agitado pela tempestade da comparação – ainda verá com infinita alegria a recompensa de Deus, pois Ele vem para salvar (cf. Is 35, 4.10).

Cabe a nós lutar por este reflorescimento. De que modo? O Evangelho no-lo apresenta.

Poucos na História representaram tanto a figura de um lírio nascido durante noite como São João Batista. Em meio à decadência do período pré-messiânico, mesmo entre o povo eleito, o Precursor condensou a fê dos antigos patriarcas, a esperança dos profetas e a caridade das almas ávidas pela vinda do Salvador. Foi um homem íntegro. A tal ponto que Nosso Senhor não Lhe poupou elogios: “mais do que um profeta”, o maior entre “todos os homens que já nasceram” (Mt 11, 9.11), como nos diz o Evangelho.

Ora, sendo os dons e virtudes de São João provenientes de Jesus Cristo, este não necessitava enaltecê-los, pois tudo Lhe pertence. Entretanto, o Homem-Deus quis nos deixar o exemplo de uma virtude esquecida: a admiração.

É pela contemplação enlevada dos reflexos divinos nas criaturas que nos preparamos para a admiração eterna, na bem-aventurança. Como bem

observava Dr. Plínio, “quando admiramos algo superior a nós, estamos no fundo prestando um ato de culto a Deus”.²

De outra parte, afirma Mons. João que a admiração “é um dos modos mais sapienciais de praticarmos o amor a Deus em relação ao nosso próximo”; e quando a sociedade se deixar penetrar por essa virtude “bem poderá ser denominada Reino de Maria, pois estará pervadida pela bondade do Sapiencial e Imaculado Coração da Mãe de Deus”.³

Ao contrário, o invejoso é profundamente odioso, como indica São Basílio: “Os cães tornam-se mansos se alguém lhes dá de comer; mas os invejosos se enfurecem mais com os benefícios e favores”.⁴

Quem admira é alegre: *gaudete*, alegrai-vos, admirai! Eis a fórmula para que o lírio da Igreja Católica floresça!

Peçamos a Maria Santíssima, alma exemplarmente admirativa, que nos infunda seu enlevo pela Santa Igreja, por seus santos e profetas, por sua Tradição e pelo tesouro de sua doutrina eterna. ✠

¹ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.50.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Admiração desinteressada e inocente. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XXIII. N.267 (jun., 2020), p.19.

³ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Admimir, essa alegria! In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2014, v.IV, p.220.

⁴ SÃO BASÍLIO MAGNO. *Homilia XI*. De invidia, n.3: PG 31, 378.

O Evangelho de hoje nos ensina como o lírio da Santa Igreja pode florescer no lodo do mundo atual



wirestock/ Freepik

Dois silêncios... e um ensinamento

Pe. Lucas Garcia Pinto, EP



*Num mundo
agitado pela
desordem
nas almas,
recebemos o
convite para
encontrar
humildade e
paz através
do silêncio
interior*

Há algum tempo, tornou-se notícia um desafio lançado por uma empresa de renome internacional: ofereciam uma grande soma de dinheiro a quem conseguisse permanecer por mais de uma hora numa sala isolada de qualquer ruído exterior.

Apesar do prêmio, aparentemente tão simples de alcançar, as pessoas eram incapazes de ficar ali quietas, escutando apenas sua respiração e batimentos cardíacos. Depois de algum tempo, sentiam-se aflitas por estar entregues somente a seus próprios pensamentos. O mundo de hoje nos des acostumou ao silêncio...

O Evangelho deste domingo, entretanto, quer nos mostrar a importância do silêncio interior.

Contemplamos na narração de São Mateus (cf. Mt 1, 18-24) dois silêncios: o da humildade e o do coração.

Primeiramente vemos Maria Santíssima que, após receber a visita do Arcanjo São Gabriel anunciando-Lhe a mais alta dignidade concedida a uma criatura, a de ser Mãe de Deus, guarda

silêncio. Não sai pelas ruas chamando a atenção dos demais para o divino mistério que se realizava em suas entranhas virginais, nem procura enaltecer-Se pela grandeza de sua condição. Não se julga no direito de transmitir nem mesmo a seu castíssimo esposo o milagre indizível que portava em Si, talvez pensando: “Se o que há em Mim é obra de Deus, Ele mesmo o revelará a quem considere necessário”. Silêncio da humildade, que guarda em Si os dons divinos e não Se envaidece daquilo que recebeu do Criador.

De outro lado vemos São José, homem justo, que A recebera como Esposa por meio de sinais do Céu e ratificara com Ela o voto de ambos guardarem a virgindade por amor a Deus. Contudo, ele percebe em Nossa Senhora os sinais característicos da gestação...

Testemunha da santidade de Maria, ardente devoto d’Ela como não houve outro na História, em nenhum momento o Glorioso Patriarca sequer suspeitou de sua integridade. Ao contrário, de imediato deu-se conta do sublime mistério que envolvia sua virginal Esposa. Mistério tão elevado, que ele era indigno de conhecê-lo... E, se essa era a vontade de Deus, a atitude mais perfeita consistia em aceitá-la e retirar-se no silêncio de seu coração.

Ambos os silêncios são fruto da serenidade característica daqueles que desejam servir a Deus e estão sempre dispostos a renunciar à própria vontade, a fim de cumprir a d’Ele.

O mundo, porém, acostuma os homens à agitação, roubando-lhes a paz de alma e a capacidade de, recolhendo-se em seu interior, aceitar a vontade da Providência. É este o ruído constante que desequilibra as almas.

Aprendamos com Maria o silêncio da humildade, nunca envaidecendo-nos dos dons que devemos ao Criador. E saibamos, como São José, silenciar nossas angústias ou aflições, aceitando sempre a vontade de Deus, pois isso trará a aurora de sua manifestação. ✦

“O sonho de São José”, por Miguel Cabrera -
Museu da América, Madri



Uma escolha decisiva

✠ Pe. Leonardo Miguel Barraza Aranda, EP



Santo Isidoro¹ narra que a águia recebeu seu nome devido à agudeza de sua visão – *aquila*, de *acumen oculorum*, em latim. Menciona igualmente que a ave mira para os raios solares sem fechar os olhos e segura seus filhotes de modo a expô-los a dita radiação, considerando dignos aqueles que mantêm a vista fixa e abandonando os que pestanejam, por serem uma desonra para sua espécie.

Essas pitorescas reflexões etimológicas nos vêm à mente, por uma associação de ideias, no momento em que lemos o prólogo do Evangelho de São João, proclamado na Liturgia na Missa do Dia do Natal do Senhor. A penetrante visão com a qual se inicia esse hino tão sublime permitiu a Santo Irineu de Lyon² atribuir ao seu autor, precisamente, a alegoria da águia.

De fato, na abertura de seu Evangelho o Discípulo Amado – como digno detentor do símbolo aquilino – dirige seu olhar diretamente para a divindade do “Sol de Justiça” (Mt 4, 2), Jesus Cristo Nosso Senhor. E anuncia que este Menino, o Filho de Maria contemplado hoje em seu Natal, é o Verbo Divino que, preexistindo antes dos séculos da História humana, criou todas as coisas (cf. Jo 1, 1-3).

Nos versículos seguintes, São João sintetiza magistralmente os temas de seu Evangelho, entre os quais sobressai um, raramente comentado no Natal. Dir-se-ia que, tal como a águia submete seus filhotes a uma prova expondo-os ante o sol, ele deseja também que todos os seus ouvintes voltem seus olhares admirativos para contemplar a luz divina.

Com efeito, o Apóstolo Virgem é o único Evangelista que começa seu relato narrando que a vinda de Jesus ao mundo provocou um conflito. Sim, em torno deste Menino tão meigo, que por amor “Se fez carne e habitou entre nós” (1, 14), plasmou-se um antagonismo radical: luz e trevas (cf. Jo 1, 5); Jesus e o mundo (cf. Jo 1, 10); fé e incredulidade (cf. Jo 1, 7); quem crê e O acolhe recebe a vida divina e a glória celestial, tornando-se filho de Deus (cf. Jo 1, 12), aquele que O rejeita permanece nas trevas e na morte eterna. Eis a trágica e grandiosa

escolha que São João apresenta neste hino, da qual não podemos desviar o nosso olhar.

Sem dúvida tais considerações podem parecer pouco agradáveis numa comemoração natalina. Mas, na atual crise religiosa e moral que vem sofrendo o mundo e mais especialmente a Igreja, é possível não ver essa realidade? Seremos filhos da luz ou das trevas? Trata-se de uma decisão-chave para nosso destino eterno.

Ante essa perspectiva ninguém tem direito a se desesperar ou desanimar pois, contando com Maria Santíssima como intercessora, receberemos as graças superabundantes para acolher a inefável luz do Menino Jesus e, assim, participar do seu Reino de amor pelos séculos dos séculos. ✠

¹ Cf. SANTO ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologías*. L.XII, c.7, n.10-11. Madrid: BAC, 2004, p.939.

² Cf. SANTO IRINEU DE LYON. *Contre les hérésies*. L.III, c.11, n.8: SC 211, 165.



Detalhe de “Madonna delle Ombre”, por Fra Angélico - Museu Nacional de São Marcos, Florença (Itália)

No meio das alegrias natalinas, o prólogo do Evangelho de São João nos coloca numa alternativa: ser filho da luz ou filho das trevas

As portas do inferno não prevalecerão contra a família!

✠ Pe. Alessandro Cavalcante Scherma Schurig, EP



Família. Poucas palavras ressoam aos nossos ouvidos com tantos acentos de doçura, suavidade e alegria. Poderá existir alguém que, tendo recebido a dádiva de haurir as bênçãos de um verdadeiro lar, não se recorde disso com profunda emoção?

Em contrapartida, terá o leitor conhecimento de alguma instituição que haja sido objeto de ódio mais alvar, de perseguição mais diabólica, de profanações mais infames, do que a família? Interroguemos a Serpente do Paraíso, que atentou contra o primeiro casal da História... e não será difícil encontrar a resposta.

Por que é tão sublime a família? Por que causa tanto incômodo às forças do mal? A festa de hoje nos traz a resposta: Deus quis nascer numa família, com pai e mãe. Poderia ter-Se dispensado de um ou de outro, mas não o quis, a fim de estabelecer um arquétipo para a família e, de certa forma, dar início à Santa Igreja, que bem pode ser definida como a reunião de pessoas em função do amor e do louvor a Jesus Cristo. Não foi outra a razão da união entre Maria Santíssima e São José, nos anos que estiveram junto ao Menino Jesus.

Mas também ali vemos a fúria brutal e sanguinária do demônio que, tomando Herodes como instrumento, no escopo de destruir “A” família aniquilou centenas de outras...

Ora, nos meios de comunicação atuais, na literatura, nas mil vozes que sussurram maus conselhos ou cochicham conspirações para levar os

jovens à impureza ou os adultos à infidelidade conjugal, não está presente a mesma sanha de que foi alvo a Sagrada Família?

A defesa mais eficaz que podem os católicos erguer contra tantos ataques é ver a família por esse prisma sublime, que terá como fruto um grande respeito, de acordo com a exortação de São Paulo aos colossenses: “Revesti-vos de sincera misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência, [...] sobretudo, amai-vos uns aos outros, pois o amor é o vínculo da perfeição” (3, 12.14).

Quantas vezes presenciamos lares que se desgastam, se desunem e até mesmo – oh, dor! – separam-se, porque não souberam manter a atmosfera de caridade, elevação e cortesia no lar, mas permitiram que nele se introduzisse a impiedade, a vulgaridade, o igualitarismo e o desrespeito no trato.

Olhemos hoje para a Sagrada Família. Quantas vicissitudes terá ela passado na mudança súbita, durante a noite, para o Egito! No entanto, é inconcebível imaginar São José despertando Nossa Senhora com agitação e brutalidade, ou tomando o Menino Jesus com azedume, para dar início à viagem.

Eles foram modelo para a Santa Igreja, e são hoje um exemplo para a instituição familiar. Se cada família compreender o altíssimo papel que está chamada a exercer, não duvidamos em aplicar-lhe o que Nosso Senhor disse de sua Igreja: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16, 18)! ✠

Oxalá cada família compreenda o altíssimo papel que está chamada a exercer, como uma pequenina “igreja”, neste mundo pagанизado



“Fuga para o Egito”, por Gentile da Fabriano - Galeria Uffizi, Florença (Itália)

Reprodução

SALVO PELO NATAL

Era o entardecer de 24 de dezembro de 1795. Um intenso frio de inverno assolava as regiões da Bretanha, trazendo à lembrança de um pobre camponês a noite santa por excelência em que veio ao mundo o Salvador.

Contudo, a situação na qual se encontrava divergia tragicamente daquele primeiro Natal: o cântico dos Anjos não se fazia ouvir, a estrela dos Reis Magos não resplandecia e o olhar materno de Nossa Senhora, unido à benevolência paternal de São José, era substituído pelo ódio de quatro facínoras revolucionários que o tinham amarrado à uma árvore...

O jovem fazia parte dos fervorosos católicos que habitavam o noroeste da França, designados como *chouans*, e que em nome da Religião e da monarquia resistiam às violências da Revolução Francesa.

Após ter sido barbaramente açoitado, ouvia angustiado as troças de seus perseguidores, sentindo a morte próxima pois, nos tempos de uma guerra como aquela, ser um homem capturado significava ser um homem perdido!

— Se eu pudesse, com apenas um tiro, matar mais de mil de tua raça! — vociferava um dos malfeitores.

O prisioneiro, com a cabeça baixa, nada respondia. Também não era necessário que o fizesse; Deus falaria por ele.

Eis que uma melodia de cristal rompeu o silêncio daquelas vastidões. Ora graves e solenes, ora agudos e inocentes, ao longe ressoavam os sinos. Surpresos, pensando ser esse um sinal de alarme dos resis-

tentes, os republicanos perguntaram ao *chouan* do que se tratava.

— É Natal — respondeu — e estão tocando para a Missa da meia-noite.

Natal! Aquela palavra ecoou em seus corações empedernidos, despertando um mundo de saudosas recordações: Missas do Galo assistidas em família, encantadores presépios e luminosas árvores de Natal, músicas de uma candura diáfana, presentes vivamente esperados, saborosos banquetes... enfim, tudo quanto possa ornar um verdadeiro e santo Natal sussurrava-lhes à alma irresistíveis convites à conversão. A inocência, já em agonia naquelas almas, fazia seus últimos apelos... e parecia estar sendo atendida.

Após um eloquente silêncio, os revolucionários dirigiram a palavra ao desafortunado, já com certa compaixão. Perguntaram-lhe de onde era e como se chamava.

— Sou de Coglès e chamam-me Branche d'Or — declarou o *chouan*.

— Tua mãe é ainda viva? Tens esposa e filhos?

Um gemido rouco foi sua única resposta e, à luz da fogueira, brilhou uma lágrima em sua face. Os soldados, envergonhados, entreolharam-se. Tentavam conter o desejo de soltá-lo, enquanto os sinos continuavam a bimbalar nas redondezas.

— Podes ir embora — disse o comandante ao contrarrevolucionário, já desatando as amarras.

O bretão levantou a cabeça sem acreditar no que ouvia.

— Vai embora rápido! Foge! Estás livre.

Ainda pensando tratar-se de mais uma injúria, o *chouan* erigiu-se e observou por um momento os revolucionários. Uma luz, milagrosa como a estrela de Belém, parecia cintilar no semblante daqueles assassinos. Percebendo ser verdade o que escutava, fugiu floresta adentro rumo à sua aldeia. Fora salvo pelo Natal...

Quanta ternura, sublimidade e sacrossanta unção acompanha esta festa. Seus sinos ressoam a todos, mesmo àqueles que se afastaram de Deus. Aos justos ecoa como um hino de consolação; aos pecadores, como um convite a abandonar os vícios mais inveterados. E nós, que faremos das graças deste Natal? ✦



O jovem "chouan" ouvia angustiado as troças de seus adversários, sentindo a morte próxima... Um homem capturado era um homem perdido!

"O espião", por Victor Henri Juglar - Museu de Belas Artes e de Arqueologia, Châlons-en-Champagne (França)



O sacerdócio supremo

Ao assumir a natureza humana na Encarnação, Nosso Senhor tornou-Se o Mediador perfeito e o Pontífice por excelência, uma vez que, sendo Homem e Deus, não poderia haver outro superior!

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

O mundo moderno, tão desprovido de símbolos, de liderança e de beleza, no qual tudo depende da máquina e da cibernética, torna as pessoas muito mais animais do que espirituais, propensas a se importarem apenas com aquilo que lhes toca na própria pele ou no bolso, e a moverem-se tão somente em função de seus apegos e sentimentos. E a ideia de sacrifício parece ter sido banida da mente do homem moderno.

Cada um de nós também, pelo fato de vivermos nesta era de ateísmo na qual Deus está esquecido, facilmente somos levados a nos interessar muito mais pelas coisas concretas, em vez de nos colocarmos ante as perspectivas mais elevadas do mundo sobrenatural.

Se não tomamos cuidado, vamos para a Missa e assistimos à ação litúrgica como o faria um bruto num espetáculo, quando o mais importante e excelente, o verdadeiro auge de nosso dia é esse momento divino e grandioso do Santo Sacrifício.

Um tesouro de graças ao nosso dispor

As mentes de todos os Anjos e de todos os homens não são capazes de conter a grandeza do Sacrifício do Calvário que se estabeleceu há dois mil anos, por primeira vez, e vem se renovando todos os dias, de forma incruenta, pela face da terra inteira. Ora, não aproveitar

esse tesouro de graças que o Redentor conquistou é uma falta por omissão!

Todos nós que somos cristãos temos parte, pelo Batismo, no sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso, ao assistirmos à Celebração Eucarística é um bom costume unirmo-nos ao mistério que se realizará e, no momento em que o sacerdote prepara as oferendas e levanta a meia altura a hóstia e o cálice que serão consagrados, oferecermos a Deus Padre, por intermédio do próprio Jesus e pela intercessão de Maria Santíssima e do nosso Anjo da Guarda, o Sangue Preciosíssimo de seu Filho, pedindo os benefícios desse sacrifício para o bem da Igreja e das almas, como também para nossa salvação e perseverança pessoal, por nossos ideais e objetivos, para o cumprimento da nossa missão e pelas pessoas a quem estimamos.

Tudo o que Nosso Senhor comprou, sofrendo na Cruz, se obtém com uma só Missa! Nada há que não se alcance com ela, desde que as intenções sejam boas.

Devemos nos lembrar dessa verdade de várias vezes durante o dia, desde o despertar pela manhã até o momento em que fechamos os olhos para dormir à noite, suplicando que inclusive as batidas de nosso coração, o inflar e desinflar dos pulmões, o sangue que corre pelas veias e as células que são renovadas, em suma, tudo em nosso organismo transcorra em união com

esse sacrifício generoso, cujos efeitos são infinitos.

Sacrifício e sacerdócio nas religiões pagãs e em Israel

Ao lado dessa realidade tão importante do sacrifício – que brota de uma lei natural existente em toda criatura humana e era comum já nos povos antigos, até mesmo nas religiões mais bárbaras –, aparece sempre a figura fundamental do sacerdote, pois sacrifício e sacerdócio são correlativos.

Na Encíclica *Ad catholici sacerdotii* o Papa Pio XI assim escreve, numa linguagem sóbria mas muito elevada e literária: “Em todos os povos cujos usos e costumes nos são conhecidos, [...] encontramos sacerdotes, ainda que muitas vezes ao serviço de falsas divindades; em qualquer lugar onde se professe uma religião, em qualquer lugar onde se levantem altares, ali há também um sacerdócio, rodeado de especiais mostras de honra e de veneração”¹.

No Antigo Testamento, quando os israelitas saíram do Egito após quatrocentos e trinta anos de escravidão, nasceu, já na origem da religião hebraica, a instituição do sacerdócio levítico, estabelecido por Moisés segundo a orientação divina.

Ora, Deus, que criou o homem com corpo e alma, sabe que só os princípios e a doutrina não bastam para movê-lo. O que realmente o arrasta é o exemplo,

o qual, agindo sobre as tendências, cria condições para a prática da Lei.

Por isso, além do profeta que advertia e indicava o caminho, e a quem foram dados os Mandamentos escritos em tábuas de pedra, era preciso que houvesse um sacerdote para representar o povo aos pés do Senhor e a este junto ao povo, intercedendo e oferecendo sacrifícios com o extraordinário poder de impetração garantido pelo próprio Deus, a fim de obter o auxílio e as forças para a observância da Lei.

E vemos que, para dar aos israelitas uma noção clara a respeito da grandeza do sacerdócio, Deus ordenou a Moisés que erigisse Aarão como sacerdote, adornando-o e revestindo-o de insígnias muito simbólicas, que lembrassem facilmente sua imagem de intercessor.

Quando ele sacrificava os animais – cordeiros, cabritos, pombos ou bois –, oferecendo-os a Deus em expiação, e depois recolhia o sangue num recipiente e aspergia com um ramo de hisopo a assembleia, seu gesto significava para esse povo de costumes rudes o quanto as ofertas feitas pelo sacerdote abriam o coração de Deus para abençoar e obter o perdão dos pecados.

Assim, toda essa simbologia visava preparar as almas para o aparecimento do Sacerdote Supremo. E aquelas vítimas, imoladas durante séculos, acostumavam-nos a compreender quem seria a Vítila por excelência que viria mais tarde, cujo Sangue redentor compraria a salvação de todos.

Sacerdote, Mediador e Vítila

Nas religiões naturais, a sociedade escolhia algum de seus elementos para oferecer sacrifícios e aplacar as “divindades”. Mas, a partir do momento em que Deus Se dignou fundar sua Igreja, Ele próprio codificou o sacerdócio e elegeu o seu Sacerdote.

Quando o governo de um estado precisa de um embaixador em outro país, escolhe para essa tarefa alguém da nação, pois não pode um estrangeiro, que não possui o sangue nativo, representar

a pátria. Do mesmo modo, sendo próprio do sacerdote o ofício de mediador entre Deus e os homens,² ele tem necessariamente de pertencer ao gênero humano, porque não conviria a um Anjo exercer a função sacerdotal.

Pela mesma razão, não se atribui ao Pai nem ao Espírito Santo o título de Sacerdote, mas sim ao Verbo Encarnado, gerado pelo Pai desde toda a eternidade e por Ele enviado à terra.

Com efeito, enquanto Deus – São Tomás³ no-lo afirma –, o Filho não poderia oferecer um sacrifício ao Pai, pois Ambos são iguais. Mas ao descer do Céu e assumir a natureza humana, Ele Se tornou o Mediador perfeito, inteiramente capacitado para ser o Pontífice por excelência, uma vez que, sendo Homem e Deus, não há outro superior!

Se no Antigo Testamento o sacerdote devia oferecer holocaustos e sacrifícios expiatórios tanto pelos pecados do povo quanto pelas suas próprias faltas, Nosso Senhor Jesus Cristo levou essa realização à plenitude oferecendo-Se a Si mesmo como Vítila de valor infinito, que honra a seu Pai permanentemente e repara os pecados de toda a humanidade.

Cristo passou a ser, tanto no Céu quanto na terra, o verdadeiro Cordeiro de Deus, imolado pela salvação dos homens. Por isso o Pai rejeitou os holocaustos da Antiga Lei, pois não tinha mais sentido que se efetivassem os ritos prefigurativos na presença do único Sacrifício perfeitíssimo, puro e sem mancha, conforme explica São Tomás.⁴

Vemos aqui a importância de Nosso Senhor não ter personalidade humana pois, se assim fosse, quem morreria seria um mero homem e não Deus, e, portanto, não se operaria a Redenção, já que a humanidade d’Ele, absolutamente falando, não podia desa-

gravar as ofensas cometidas contra o Criador. Contudo, pela graça de união a natureza humana de Cristo é passível de adoração e, em consequência, qualquer atitude d’Ele, por pequena que seja, tem valor infinito e bastaria para libertar o mundo inteiro do estado de maldição decorrente do pecado.

A simbologia do sacerdócio mosaico visava preparar as almas para o aparecimento do Sacerdote Supremo e da Vítila por excelência

O sacrifício da Antiga Lei



O Salvador concebeu algo tão grandioso, que está acima de qualquer concepção angélica ou humana: encarnou-Se para morrer na Cruz e nos redimir, quando um simples gesto, uma lágrima ou um sorriso d'Ele já seriam suficientes para promover a Redenção, apagar a mancha do pecado e inclusive perdoar-nos da pena merecida! Quanto mais, então, fez Nosso Senhor por nós ao entregar todo o seu Sangue divino!

A dignidade de Maria, acima do sacerdócio

Ora, a partir de que momento Jesus Cristo passou a ser Sacerdote e Mediador?

Desde o instante em que Nossa Senhora disse “Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em Mim segundo a vossa palavra!” (Lc 1, 38) e se operou um milagre extraordinário: o Espírito Santo A cobriu e, por obra deste mesmo Espírito, começou o processo de gestação do Filho de Deus. Ou seja, quando Ela concebeu e deu-se a infusão da Alma de Nosso Senhor no claustro materno, Jesus foi ungido Sacerdote com o santo “óleo da alegria” (Sl 44, 8), oferecendo antecipadamente o Sacrifício de sua própria vida. E por isso Ele é chamado o Cristo.

Portanto, ao dar seu “Fiat” no mistério da Anunciação, Nossa Senhora cooperou de certo modo nessa unção,⁵ pela qual se iniciou a história da Redenção do gênero humano. Ali, oculto no seio virginal de Maria e santificando ainda mais sua própria Mãe, Jesus fez sua primeira oração sacerdotal, enquanto intercessor diante de Deus pelos homens.

Vemos, então, a grande relação existente entre Nossa Senhora e os sacerdotes pois, sendo Mãe do Sumo, Verdadeiro e Único Sacerdote, Ela o é também de todos os

outros que estão ligados a Jesus Cristo por toda a eternidade.

Todavia, é importante recordar que, pela Maternidade Divina, Maria

Jesus encarnou-Se para morrer na Cruz e nos redimir; seu sacerdócio se iniciou em sua concepção e consumou-se em sua Paixão, Morte e Ressurreição

está inserida de maneira relativa na ordem hipostática – que é a união da natureza humana com a natureza divina – e, portanto, encontra-Se acima do plano da graça ao qual pertencem os sete Sacramentos, entre os quais o da Ordem.⁶

Por isso, a dignidade de Maria como Mãe de Deus é incomparavelmente superior à do sacerdote. Ela jamais recebeu o Sacramento da Ordem – reservado pelo Divino Mestre aos varões –, mas foi por Cristo associada à obra da salvação. Nossa Senhora tem parte intrínseca no sacrifício redentor, enquanto o sacerdote se limita a reproduzi-lo de forma extrínseca e puramente instrumental ao celebrar a Santa Missa.⁷

A consumação do sacrifício se deu na Ressurreição

Nosso Senhor foi, portanto, Sacerdote desde o instante de sua concepção e, sobretudo, no momento em que nasceu. Mais tarde, ao ser apresentado no Templo para cumprir a Lei, quando lá voltou aos doze anos para discutir com os doutores e ao começar sua vida pública, Ele esteve constantemente servindo de intermediário entre o povo e Deus. Conhecendo em Si a fraqueza humana, “com exceção do pecado” (Hb 4, 15), Jesus Se apiedava daqueles que, reconhecendo a própria debilidade, procuravam sua intercessão junto ao Pai. Não houve uma só pessoa que se aproximasse pedindo perdão, que Ele não o desse ou até mesmo tomasse a iniciativa de lho oferecer, sem o terem solicitado.

Chegada a hora de sua Paixão, Ele Se deixou prender e levar manietado, permitiu ser flagelado, coroado de espinhos, esbofeteado, cuspid e desprezado em relação a Barrabás. Finalmente, aceitou carregar a



“Cristo crucificado entre a Virgem e São João Evangelista”, por Lorenzo Monaco - Metropolitan Museum of Art, Nova York

Cruz às costas e ser crucificado, morrer e ser sepultado... Porém, ao terceiro dia, ressuscitou-Se a Si mesmo!

Na Antiga Lei, quando eram imolados animais como oferta ao Senhor, uma parte da vítima devia ser consumida pelo sacerdote e a outra entregue ao oferente, para ser comida por ele e sua família. Deus assim o estabelecera para mostrar sua aceitação do banquete oferecido e fazer com que as pessoas participassem dele.

Entretanto, tratando-se de um sacrifício de expiação era preciso queimar a oferta, pois a reparação exigia a consumação pelo fogo.

Ora, sendo o sacrifício de Nosso Senhor uma expiação, parecia necessário que seu Corpo se deteriorasse segundo as leis normais da natureza decaída... Mas sabemos que isso não aconteceu. Deu-se a separação entre o Corpo e a Alma, o que constituiu sua Morte, mas ambos continuaram unidos à divindade, pela graça de união, e não houve destruição.

Desse modo, a consumação do sacrifício redentor teria se dado no momento da Ressurreição, porque então desapareceu do Corpo de Cris-



Mons. João em dezembro de 2007

É por causa desse Mediador, e pela oblação perfeita por Ele realizada, que o Pai nos cumula de bênçãos e de todas as graças que Jesus tem em Si

to tudo o que era padecente e mortal; Ele deixou à terra o que lhe pertencia, para assumir a glória, que é do Céu, em conformidade com sua Alma que já estava na visão beatífica desde o primeiro instante da Encarnação. Essa glória Jesus havia negado ao seu Corpo para poder sofrer o suplício da Cruz.

Tendo ressuscitado, Ele subiu aos Céus e abriu para nós as portas da bem-aventurança eterna. Sentado agora à direita do Pai, continua, enquanto Sacerdote Supremo, intercedendo pelos homens e apresentando nossos sacrifícios e orações.

É por causa desse Mediador, e pela oblação perfeita por Ele realizada, que o Pai nos cumula de bênçãos e distribui a nós todas as graças que Jesus tem em Si como tesouro.

Deus não pode querer o nosso mal; pelo contrário, Ele só deseja o nosso bem! Portanto, basta não formos obstáculos e Ele nos levará à mais alta perfeição! ✠

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2010

¹ PIO XI. *Ad catholici sacerdotii*, n.8.

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.22, a.1.

³ Cf. Idem, q.26, a.2.

⁴ Cf. Idem, I-II, q.103, a.3.

⁵ Sobre esse ponto, assim se exprime Alastruey: “Maria, com seu livre consentimento, cooperou para a instituição ou consagração sacerdotal de Cristo

[...]. Ela deu o sujeito da consagração, concebido em Si mesma, e ofereceu o lugar ou templo onde esta deveria se realizar: seu seio virginal, como santuário consagrado especialmente para isso. Grimal, a esse respeito, afirma: ‘A Encarnação não é outra coisa que a inefável ordenação de Jesus’” (ALASTRUEY, Gregorio. *Tratado de la Virgen Santísima*. 4.ed. Madrid: BAC, 1956, p.612).

⁶ Nesse sentido, afirma o dominicano Merkelbach: “Superando a graça santificante e a glória, a Maternidade Divina supera necessariamente as outras graças, isto é, as graças *gratias datæ* e as demais dignidades, em particular o próprio sacerdócio” (MERKELBACH, OP, Benito Enrique. *Mariologia*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1954, p.107).

⁷ “Maria teve uma participação própria e exclusiva no Sacrifício da Cruz, como convinha à Mãe de Deus [...]; e, portanto, não se pode negar a Ela uma participação tal no poder sacerdotal que A coloque sob o supremo sacerdócio de Cristo e acima do sacerdócio ministerial e hierárquico” (ALASTRUEY, op. cit., p.617).

Nela residem as melhores expectativas da humanidade

Caminho objetivo e inequívoco, traçado pelo próprio Cristo e firmado pela Igreja, a Liturgia possibilita o encontro do homem com Deus, a cada celebração.

✠ João Paulo de Oliveira Bueno



“**Q**ue o Salvador do mundo, *hoje* nascido, como nos fez nascer para a vida divina, nos conceda também a imortalidade”,¹ reza o sacerdote na Missa de Natal.

Contudo... em que se fundamenta a ousadia do homem para, nessa prece, afirmar que *hoje*, mais de dois mil anos após Cristo ter vindo ao mundo, Ele nasce para nós?

Em suas orações estaria a Igreja empregando um recurso linguístico permeado de beleza, mas desprovido de verdade, como por vezes pensam os letrados sem fé? Ou, então, estaria ela valendo-se de um discurso persuasivo, a incitar seus crentes que reavivem na memória fatos tão antigos quanto importantes a seus olhos, como sussurram certos piedosos falhos do estudo teológico?

O problema se põe, e resolvê-lo somente à custa da “fé” afigura-se como uma solução deveras simplificadora e superficial. Com efeito, às vezes preferimos dizer que *cremos* somente para não precisarmos explicar *por que cremos*, ficando a razão de nossa fé posta em embaraço até nos depararmos com a incoerência que isto significa.

Logo, por que cremos que *hoje* Cristo nasceu para nós? A resposta a essa pergunta talvez não encontre

ocasião mais propícia a um esclarecimento do que no Natal.

Convém notar, em primeiro lugar, que o período natalino, num certo sentido mais até do que os dias pascais, está carregado de elementos sensíveis marcantes, que nos deixam fascinados e embebidos de uma atmosfera de inocência dificilmente igualável ao longo do ano.

Fulgores das celebrações natalinas

Quem não tem saudades de, quando criança, espreitar a montagem daquela árvore carregada de encantadoras bolas, às quais o lampejo das luzes conferia certa ideia de se tornarem quase preciosas aos olhos de quem as admirava? Ou, mais ainda, de todos os preparativos que visavam a principal reunião familiar do ano, em uma lauta ceia, na qual louças, taças e até os trajes pareciam ganhar nova beleza?

Quando pequenos, quem de nós não nutriu interiormente a curiosidade de saber quão augusta era aquela celebração para a qual nos arranjávamos, sem atinar bem porque nela íamos, a Missa do Galo?

Mas tudo isso constituía apenas uma preparação; arrebatador era o ingresso na igreja. Até mesmo ela parecia mais impregnada de vida: suas paredes se afi-

guravam permeadas de luz; as pessoas mostravam-se mais amáveis e comunicativas; o coro se alegrava em novamente cantar ao lado dos instrumentos musicais; o altar, dignificado pelos inúmeros vasos de flores que o adornavam, transluzia asseio e decoro; o celebrante e os que o serviam portavam vestes que remarcavam a solenidade do culto.

Ao deleite das vistas, já tão bem servidas, unia-se o comprazimento dos ouvidos: os sinos começavam a repicar. E, para além desse gozo interior – inexplicável a quem prefere as volúpias da carne –, agregava-se o suave odor de um incenso poucas vezes usado, pois seu aroma seletivo vinha reafirmar a importância da data.

Não fossem as palavras da cerimônia significarem algo essencialmente mais importante, em função do qual todos esses elementos exteriores se ordenavam, nossos sentidos já estariam satisfeitos; contudo, eles encontrariam seu termo somente quando o paladar se deleitasse com o manjar que contém todo sabor (cf. Sb 16, 20), a Eucaristia.

É Natal, e a Igreja revela-se como a única capaz de dispensar aos homens júbilos que excedem qualquer gozo passageiro, visto que marcam não apenas nossos sentidos externos e internos,

mas o âmago de nossas almas. Para tal, ela se vale da Liturgia, meio eficaz e desejado pelo próprio Cristo para tornar presente aos homens as mesmas graças e bênçãos dispensadas nas ocasiões mais marcantes de sua passagem por este mundo, com vistas à Redenção do gênero humano.

Na intenção de rememorar essa atmosfera sobrenatural enunciamos, em primeiro lugar e a título de exemplo, algo sobre as celebrações natalinas, a fim de melhor compreendermos agora o lugar que a Liturgia ocupa na Igreja e em que consiste o seu estudo no âmbito da Teologia.

Caminho objetivo e inequívoco para Deus

A Liturgia é o conjunto de elementos e práticas do culto cristão.² Sua existência reside no fato de o homem precisar restituir a Deus o louvor e a adoração que Lhe são devidos, dispensando-Lhe um serviço referente à virtude da religião.³

Por essa virtude o homem presta a devida honra a Deus⁴ ou, em outras palavras, esforça-se em ajustar a sua dívida em relação ao Criador.⁵ Cícero⁶ já havia apontado algo semelhante, ao notar a estreita relação entre religião e culto.

É, pois, pela religião que nos *religamos* ao Deus único e onipotente, segundo a ótica de Santo Agostinho.⁷ Ora, pelo simples fato de tal virtude nos ordenar ao Senhor não como *objeto*, mas como *fim*, a modo de uma manifestação exterior,⁸ torna-se necessário um culto com aparatos sensíveis, pelos quais se veja atendida a íntima ligação existente entre nosso corpo e nossa alma.

Do exposto, compreende-se como o culto deve unir tanto elementos externos quanto os internos; em verdade, os atos humanos procedem do interior do homem, e a plena consumação de nossa oferta a Deus, pela Liturgia, dá-se na conjugação da nossa sinceridade de coração com as práticas exteriores.

Em síntese, a Liturgia nada mais é do que uma via objetiva e inequívoca, traçada pelo próprio Cristo e firmada

pela Igreja, para que o homem caminhe em direção a Deus.

Espelho do agir divino junto aos homens

É nesse sentido, ademais, que a Liturgia pode ser compreendida como um lugar teológico,⁹ ao fornecer dados verossímeis e fidedignos para a compreensão da própria Teologia Dogmática, notavelmente por meio de suas orações – *lex supplicandi* –, visto que externam o sentido de nossa Fé e o que cremos – *lex credendi*.¹⁰

Entende-se, assim, a conveniência de a Igreja ter forjado de modo progressivo, orgânico e criterioso tudo quando concerne ao seu culto, a fim

de que a realidade teológica expressa pelas palavras dos textos litúrgicos pudesse também ser crida mediante os gestos próprios ao rito e o ambiente em que ele se desenvolve.

Parecem bastar, como exemplo disso, os processos de conversão – mais frequentes do que supomos – de homens de letras com reconhecida luz intelectual, como Joris Karl Huysmans ou André Frossard, que por meio das bênçãos da Liturgia e da irresistível atração do *pulchrum* encetaram uma aproximação da Igreja.

Nesse diapasão entende-se a arrojada afirmação de Bento XVI: “A beleza não é um fator decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo,



Stephen Nami

A Liturgia é o conjunto de elementos e práticas do culto cristão pelos quais restituímos a Deus o louvor que Lhe é devido; por seus aparatos sensíveis, a íntima ligação existente entre nosso corpo e nossa alma vê-se plenamente atendida

Missa de Natal na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP), no ano de 2024



Por meio da Liturgia, no Natal recebemos as mesmas graças que foram derramadas sobre a humanidade quando o Menino Jesus nasceu em Belém

Menino Jesus - Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

enquanto atributo do próprio Deus e da sua Revelação. Tudo isto nos há de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à ação litúrgica para que brilhe segundo a sua própria natureza”.¹¹

Dito de outro modo, a Liturgia é, metaforicamente, um espelho do agir divino junto aos homens. No âmbito da Teologia, situa-se como a mais alta amostra sensível e real da manifestação de Deus, seja por sua beleza essencial, seja pela verdade expressa nas palavras da ação litúrgica, mediante as quais são atualizados os mistérios desse mesmo Deus celebrado.

Meio pelo qual os mistérios da Redenção se atualizam

Portanto, se cremos que *hoje* Cristo nasceu para nós, é porque temos a convicção de que Ele veio ao mundo numa gruta em Belém, há mais de dois mil anos, como ponto de partida de nossa Redenção, cujo mistério ali operado é agora renovado e, mais precisamente, *atualizado* pela Igreja, através da Liturgia.

De modo que, entre aquele nascimento e este que ora celebramos, há apenas uma diferença: o tempo. As graças, podemos recebê-las do mesmo modo como as receberam os pastores ou os Reis Magos, contanto que nossas disposições interiores se igualem

às deles, no sentido de amar, louvar e reverenciar o Menino tão frágil, embora Criador, nascido de Maria Virgem na noite de Natal.

Efetivamente, a Igreja suplica na Missa da Vigília do Natal: “Ó Deus, que nos alegras *cada ano* com a expectativa da nossa salvação, concedei que possamos ver, sem temor, quando vier como juiz, vosso Filho Unigênito, Nosso Senhor Jesus Cristo, que agora alegremente recebemos como Redentor”.¹²

Dessa forma, por meio da Liturgia, Cristo não apenas une o Céu e a terra, mas encarna-Se sacramentalmente sob as Espécies Eucarísticas, nos possibilitando encontrá-Lo sobre o altar, sem a necessidade de uma viagem tão penosa quanto a dos Reis Magos, ou tampouco do alerta de Anjos, como o feito aos pastores para que fossem adorar ao Recém-Nascido deitado no presépio (cf. Lc 2, 16). A nós Ele pede somente a convicção do poder de sua Igreja, a única capaz de, a cada Natal, trazer o Redentor ao mundo: “Hoje a luz brilhará sobre nós, porque nasceu para nós o Senhor”.¹³

Na Liturgia residem, pois, as melhores expectativas da humanidade! ✦

¹ NATAL DO SENHOR. Missa do Dia. Depois da Comunhão. In: MISSAL ROMANO. Tradução portuguesa da terceira edição típica. Brasília: CNBB, 2023, p.132.

² O elenco dos elementos que se inserem na Liturgia é vastíssimo. Citemos apenas alguns: os livros litúrgicos, o cálice, a âmbula, o sacrário, o turíbulo, o incenso, as alfaías e paramentos, a cruz, os castiçais, o altar, o ambão. As práticas podem ser simplesmente afins com o culto, ou relacionadas à celebração específica de algum Sacramento ou à distribuição de algum sacramental.

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II,

q.186, a.1. O termo λειτουργία, que traz consigo o conceito de um serviço direcionado ao bem da coletividade, passou a designar de modo especial o serviço constituído pelo culto a Deus. Logo, seu significado sempre esteve radicado no interesse geral e não meramente individual. Nesse diapasão é que se entende como mesmo os atos “pequenos” operados pela Liturgia têm uma identidade pública e universal na Igreja, por dizerem respeito ao culto integral a Deus, e não a uma mera cerimônia privada.

⁴ Cf. Idem, q.81, a.2.

⁵ Cf. LABOURDETTE, OP, Marie-Michel. *La religion*. Paris: Parole et Silence, 2018, p.34.

⁶ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De natura deorum*. L.II, n.5-6.

⁷ Cf. SANTO AGOSTINHO. *De civitate Dei*. L.X, c.3, n.2; *De vera religione*, c.LV, n.113.

⁸ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.94, a.1, ad 1.

⁹ Não é supérfluo frisar que a Liturgia é essencialmente a celebração dos mistérios de nossa Fé, expressos na vida de Nosso Senhor Jesus Cristo; ao passo que a Teologia é o aprofundamento racional destes mesmos mistérios. Contudo, a Liturgia será um *locus theologicus* na medida em que esteja alicerçada nas Sagradas Escrituras e na Tradição, reafirmada pelo Magistério.

¹⁰ Pretendemos aqui empregar o axioma forjado por Próspero de Aquitânia: “*Ut legem credendi lex statuat supplicandi* – Para que a norma do orar estabeleça a regra do crer” (*De gratia Dei et libero voluntatis arbitrio*, c.VIII: PL 51, 209), entendido segundo a ótica agostiniana de assumir a oração da Igreja, expressa pela Liturgia, como critério de Fé.

¹¹ BENTO XVI. *Sacramentum caritatis*, n.35.

¹² NATAL DO SENHOR. Missa da Vigília. Coleta. In: MISSAL ROMANO, op. cit., p.126.

¹³ NATAL DO SENHOR. Missa da Aurora. Antífona da entrada. In: MISSAL ROMANO, op. cit., p.130.



Jesus Cristo vivo na terra

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§1120. A missão de salvação confiada pelo Pai a seu Filho Encarnado é confiada aos Apóstolos e, por meio deles, a seus sucessores: recebem o Espírito de Jesus para agir em seu nome e em sua Pessoa. Assim, o ministro ordenado é o elo sacramental que liga a ação litúrgica àquilo que disseram e fizeram os Apóstolos e, por meio destes, ao que disse e fez Cristo, fonte e fundamento dos Sacramentos.

Todas as igrejas da face da terra poderiam ser destruídas, mas onde quer que ainda reste um sacerdote, nós poderemos ainda ter a Missa, poderemos ainda ter a Santa Eucaristia”.¹ Se essa afirmação já nos surpreende por sua profundidade e beleza, talvez nossa surpresa seja maior ao descobirmos seu autor e, sobretudo, os motivos que o levaram a pronunciá-la.

Trata-se de uma frase proferida pelo Cardeal Van Thuan, que passou treze anos encerrado em terríveis cárceres no Vietnã comunista. Com quanta emoção ele celebrava de forma clandestina a

Santa Missa, estando entre as grades! Sacerdote do Deus Altíssimo e príncipe da Santa Igreja, sabia que, embora prisioneiro, tinha um poder que não é dado aos Anjos: pela Consagração, Nosso Senhor Jesus Cristo Se fazia presente em sua cela, como

outrora na Gruta de Belém. “Que língua angélica ou humana poderia explicar poder tão ilimitado? Quem poderia imaginar que a palavra de um homem [...] receberia da graça a força prodigiosa de fazer descer do Céu à terra o Filho de Deus?”²

O purpurado vietnamita tinha bem presente que “o ministro ordenado é o elo sacramental que liga a ação litúrgica àquilo que disseram e fizeram os Apóstolos e, por meio destes, ao que disse e fez Cristo”, e que, portanto, enquanto sucessor dos Apóstolos ele agia em nome de Jesus e em sua Pessoa.

Com efeito, quando os ministros sagrados batizam, quando atendem os fiéis em Confissão, quando celebram a Santa Missa, é literalmente o próprio Homem-Deus quem o faz através deles!

Por essa razão, que grande responsabilidade têm eles de conformar suas vidas à de Nosso Senhor! São João d’Ávila³ os denomina relicários de Deus, casa de Deus e, de certa forma, criadores de Deus. E São João Eudes, por sua vez, afirma que “o sacerdote é Jesus Cristo vivo e caminhando na terra”.⁴

Mas, ao mesmo tempo que consideramos a sublimidade do sacerdócio, convém ponderarmos também quão grande deve ser a admiração e o respeito dos fiéis pelos ministros do Senhor. Se nos fosse dado ver o que misticamente se passa quando o sacerdote administra os Sacramentos e se aprofundássemos no augusto mistério da Liturgia, sairíamos de cada celebração com a alma “rejuvenescida” por ter entrado em contato com o próprio Deus!

Ante tão maravilhosa e divina presença de Nosso Senhor, talvez entendamos melhor aquela frase proferida por seus divinos lábios: “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28, 20). ✠

¹ VAN THUAN, Francis Xavier Nguyen. *The Road of Hope. A Gospel from Prison*. North Palm Beach: Wellspring, 2018, p.104.

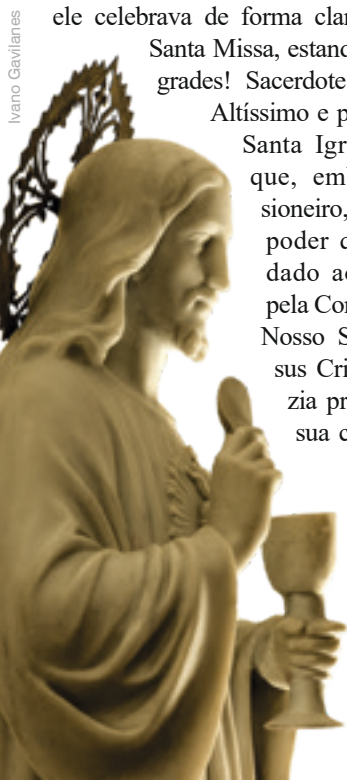
² SÃO LEONARDO DE PORTO MAURÍCIO. *Excelências da Santa Missa*. São Paulo: Cultor de Livros, 2015, p.21.

³ Cf. SÃO JOÃO DE ÁVILA. Plática enviada al P. Francisco Gómez, S. J., para ser predicada en un sínodo diocesano de Córdoba, 1563. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1953, t.II, p.1289.

⁴ SÃO JOÃO EUDES. Le mémorial de la vie ecclésiastique. In: *Œuvres Complètes*. Vannes: Lafolye Frères, 1906, t.III, p.187.

Quando os ministros sagrados administram os Sacramentos ou celebram a Santa Missa, é literalmente o próprio Jesus quem o faz

Coração Eucarístico de Jesus - Casa dos Arautos do Evangelho, Medellín (Colômbia)



Ivano Gavilanes



O Sacramento de Maria

Se a Igreja e a Eucaristia são uma realidade indivisível, o mesmo é preciso afirmar sobre Maria e a Eucaristia.



✠ Ir. Ana Laura de Oliveira Bueno

E se alguém afirmasse que a Eucaristia não é só uma perpetuação da Encarnação, mas também um prolongamento da ação de Nossa Senhora sobre a terra? Seria um tanto ousado, não?

À primeira vista a afirmação parece, de fato, beirar audaciosamente certos limites da ortodoxia... Mas *ousadia* e *heresia* não são sinônimos.

Com efeito, esse pensamento, defendido por um Servo de Deus¹ do século XX, foi sustentado e explicitado pelo Magistério da Igreja na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*: “No ‘memorial’ do Calvário [a Santa Missa], está presente tudo o que Cristo realizou em sua Paixão e Morte. Por isso, não pode faltar o que Cristo fez para com sua Mãe em nosso favor. De fato, entrega-Lhe o discípulo predileto e, nele, entrega cada um de nós: ‘Eis aí o teu filho’. E de igual modo diz a cada um de nós também: ‘Eis aí tua Mãe’ (cf. Jo 19, 26-27). Viver o memorial da Morte de Cristo na Eucaristia implica também receber continuamente esse dom. Significa levar conosco – a exemplo de João – Aquela que sempre de novo nos é dada como Mãe. Significa, ao mesmo tempo, assumir o compromisso de nos conformarmos com Cristo entrando na escola da Mãe e aceitando sua companhia. Maria está presente, com a Igreja e como Mãe da Igreja, em cada uma das Celebrações Eucarísticas. Se Igreja e Eucaristia

são um binômio indivisível, o mesmo é preciso afirmar do binômio Maria e Eucaristia”.²

Essa fundamentada proposição dá margem a belas e frutuosas meditações acerca da união entre Nossa Senhora e seu Divino Filho no Sacramento do Altar.

Guardiã da mesa régia de Jesus

Conforme discerniu a piedade católica ao longo dos séculos, há diversas analogias entre a Encarnação e a Transubstanciação. Se foi pelo consentimento e pela palavra de uma Virgem que o Verbo Divino Se fez Homem, é também por outra palavra humana, a do sacerdote, que a cada dia se renova para nós uma como que segunda Encarnação em todos os altares; se foram cinco as palavras que atraíram Deus ao mundo pela primeira vez – “*Fiat mihi secundum verbum tuum*” (Lc 1, 38) –, são igual-

mente cinco as palavras pronunciadas pelo sacerdote – “*Hoc est enim corpus meum*” – que O trazem de novo à terra.

Ademais, se na pequena Nazaré o Salvador escondeu-Se nas entranhas puríssimas de sua Mãe, mais uma vez Ele Se oculta sob as Espécies Eucarísticas nos altares. Nesse sentido, Nossa Senhora antecipou a fé eucarística da Igreja ao oferecer seu ventre virginal para a Encarnação do Verbo de Deus.³

O divino elo entre Maria e o Sacramento do Altar foi profetizado até mesmo no Cântico dos Cânticos: “*Posuerunt me custodem in vineis* – Estabeleceram-me como guardiã das vinhas” (Ct 1, 6), significando que a Virgem foi constituída guardiã, ordenadora e protetora da mesa régia de Jesus.⁴ Inegavelmente inspirada pela graça, embora de início incompreendida e até perseguida, se afigura nesse contexto a proclamação feita por São Pedro Julião Eymard em 1868, ao dar-Lhe o título de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento.

Uma “reliquia” de Maria

Houve, ainda, autores que afirmaram ser a Eucaristia uma “reliquia” de Maria. Com efeito, chamamos de reliquia o que resta dos corpos dos Santos, algo que lhes pertenceu ou que com eles tomou contato. Ao considerarmos a união existente entre mãe e filho, vemos que este último tem um corpo físico formado pela mãe, com o pró-

*Aquela que ofereceu
seu ventre virginal
para a Encarnação
do Verbo de Deus foi
constituída guardiã,
ordenadora e protetora
da mesa régia de Jesus*

prio sangue dela, como produto de sua substância. É inegável que ele acaba se tornando uma espécie de “reliquia” daquela que o gerou.⁵

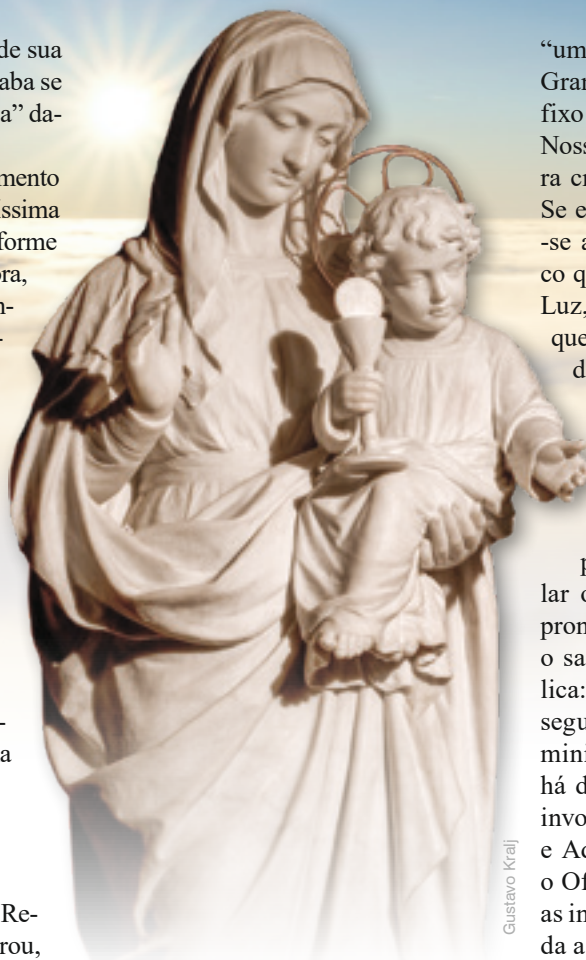
E a veracidade desse pensamento se sublima quando aplicada à altíssima união entre Maria e Jesus. Conforme ensina a Teologia, Nossa Senhora, pela Maternidade Divina, foi honrada com a afinidade e consanguinidade com Deus,⁶ além de só Ela ter cooperado fisicamente para a constituição do Sagrado Corpo de seu Filho – *caro Christi, caro Mariæ*. Ora, se a Eucaristia contém a presença real e física de Nosso Senhor Jesus Cristo velada sob as Sagradas Espécies, ela pode ser considerada, nesse sentido, uma “reliquia” de sua Mãe virginal.

Trata-se de uma ideia originíssima, que convida a alma a uma redobrada devoção eucarística.

De seu “fiat”, a Redenção e a Santa Missa

Se foi, portanto, com vistas à Redenção que a Encarnação se operou, é pela Celebração Eucarística que ambas se renovam nos altares. Com efeito, quis a Providência condicionar o cumprimento de seus mais altos desígnios ao “sim” de uma Donzela, visto que, “se Maria não tivesse pronunciado seu ‘fiat’, a Igreja não teria nem Cristo, nem sacerdócio, nem sacrifício, nem Sacramento”.⁷ Só Ela proporcionou ao mundo o único Sacerdote, de quem os outros são apenas ministros, o Verbo Encarnado que Se faz presente sobre o altar.⁸

Assim, intimamente associada à obra da Redenção, Nossa Senhora concede à Liturgia o píncaro de seu esplendor e um dos principais fundamentos de sua instituição: o inefável convívio do homem com Deus na Santa Missa. Não sem razão, pois, a sublime e misteriosa presença de Maria pode ser contemplada em diversos aspectos das cerimônias da Igreja.



Gustavo Krahl

Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento -
Basílica de Notre-Dame, Montreal (Canadá)

*Só Maria proporcionou
ao mundo o único
Sacerdote, de quem
os outros são apenas
ministros: o Verbo
Encarnado, que Se faz
presente sobre o altar*

Símbolos de realidades invisíveis, alguns objetos litúrgicos de que a Igreja se serve para as funções sagradas representam a augusta missão da Mãe de Deus junto a seu Filho. Por exemplo, Ela é comparada pela tradição cristã a

“um altar de ouro puro sobre o qual a Grande Vítima Se ofereceu”.⁹ O crucifixo também não deixa de recordá-La: Nossa Senhora foi como que a primeira cruz sobre a qual o Homem-Deus Se estendeu para o holocausto. Pode-se até ver n’Ela o candelabro místico que trouxe ao mundo a verdadeira Luz, Jesus Cristo. E nos paramentos que revestem o sacerdote está figurada a vestimenta sacerdotal do Salvador: sua humanidade santíssima, recebida de Maria.¹⁰

A presença da Virgem faz-se ainda muito viva quando se percorrem algumas partes da Santa Missa. Ao oscular o altar e, dirigindo-se aos fiéis, pronunciar o “*Dominus vobiscum*”, o sacerdote repete a saudação angélica: “*Dominus tecum*” (Lc 1, 28). Em seguida, ao recitarem o *Confiteor* o ministro inclina a cabeça ante o que há de mais santo no Céu e na terra, invocando o nome de Maria, Refúgio e Advogada dos pecadores. Durante o Ofertório, ao depositar em silêncio as intenções sobre o altar, o fiel recorda a secreta oferenda que o Redentor fez de Si mesmo nas puríssimas entranhas de sua Mãe. E, no momento em que acrescenta a gota de água no cálice como símbolo da união entre a natureza divina e a humana, o celebrante relembra Aquela pela qual esse mistério se realizou.¹¹

Missa com Maria

Ao narrar numa conferência a seus filhos espirituais as graças sensíveis que recebera durante uma Missa celebrada na Casa-Mãe dos Arautos do Evangelho, Mons. João¹² indicou-lhes um meio simples e eficaz de se aproximar mais da Santíssima Virgem e de participar com fruto da Eucaristia.

Como celebrava em frente a um expressivo quadro da Mãe do Bom Conselho, alegrou-se por estar em face d’Ela e de seu Divino Filho, o que propiciou um filial diálogo interior



Arquivo Revista

Capela da Mãe do Bom Conselho - Casa-Mãe dos Arautos do Evangelho, São Paulo

Para assistir bem à Missa, basta buscar em cada movimento do cerimonial litúrgico a presença de Maria, Mãe e Nutriz do Pão da Vida

assistir bem à Missa: basta procurar em cada movimento do cerimonial litúrgico, em cada cântico ou em cada palavra, a presença de Maria Santíssima, Mãe e Nutriz do Pão da Vida,¹³ pois seu Coração é um turíbulo de amor eucarístico, cujas palpitações unem-se à adoração dos fiéis num incenso de agradável odor a subir até o Céu.

Enfim, como recomendava Dr. Plínio,¹⁴ desejemos não somente reclinar a cabeça sobre o Coração Imaculado de nossa Mãe do Céu, como outrora São João Evangelista sobre o peito do Senhor, mas poder estabelecer ali nossa morada, para que, auscultando as batidas de seu Coração, vivamos desses segredos de amor a Jesus Sacramentado. ✚

com ambos. Ao dizer “*sursum corda* – corações ao alto”, por exemplo, aplicou a exortação a Maria, imaginando qual seria sua resposta: “Mas, meu filho, é impossível mais alto...” Assim, o Santo Sacrifício foi percebido por

ele como um verdadeiro convívio com Nossa Senhora, que o introduzia, de maneira indizível, no convívio com o próprio Deus.

Eis uma solução muito acessível para aqueles que se perguntam como

¹ Cf. DE LOMBAERDE, DNSS, Júlio Maria. *Maria e a Eucaristia. Estudo doutrinal de um título e uma doutrina: Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento*. Manhumirim: O Luta-dor, 1937, p.13. Pe. Júlio Maria nasceu em Waereghen, Bélgica, no dia 8 de janeiro de 1878. Sentindo-se chamado ao sacerdotício, entrou na Congregação da Sagrada Família, fundada pelo Pe. Berthir para receber vocações tardias. Foi ordenado a 13 de janeiro de 1908 e, em 1912, enviado para a Amazônia brasileira, onde trabalhou durante quinze anos como missionário. Em Macapá fundou a Congregação das Irmãs

do Imaculado Coração de Maria, aprovada pelo Papa Bento XV. Em 1928 mudou-se para Minas Gerais, onde fundou a Congregação dos Missionários de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, bem como a das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora. Escreveu dezenas de obras de cunho doutrinário, apologético e espiritual. Faleceu em 24 de dezembro de 1944.

² SÃO JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, n.57.

³ Cf. Idem, n.55.

⁴ Cf. LÉMANN, Joseph. *La Mère des chrétiens et la Reine de*

l'Église. 2.ed. Paris: Victor Lecoivre, 1900, p.267.

⁵ Cf. LOMBAERDE, op. cit., p.221-223.

⁶ Cf. MERKELBACH, OP, Benito Enrique. *Mariologia*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1954, p.91-92.

⁷ PHILIPON, OP, Marie-Michel. *Los sacramentos en la vida cristiana*. 2.ed. Madrid: Palabra, 1979, p.334.

⁸ Cf. Idem, ibidem.

⁹ VAN DEN BERGHE, Oswald. *Marie et le sacerdoce*. Bruxelles-Paris: Haenen; Laroche, 1872, p.126.

¹⁰ Cf. LHOUMEAU, SMM, Antonin. *La vie spirituelle à l'école de Saint Louis-Marie Grignon de Montfort*. Bruges: Beyaert, 1954, p.442-443.

¹¹ Cf. Idem, p.444-447.

¹² Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Conferência*. São Paulo, 28/5/2008.

¹³ Cf. SANTO AGOSTINHO. Sermo CLXXXIV, n.3. In: *Obras Completas*. 2.ed. Madrid: BAC, 2005, v.XXIV, p.6.

¹⁴ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Coração de Maria, nossa esperança! In: *Legionário*. São Paulo. Ano XVI. N.555 (28 mar., 1943), p.3.



Por que usar paramentos litúrgicos?

Na fria noite de Natal, Nossa Senhora envolveu com maternal delicadeza o Menino Deus em faixas. De forma similar, ao longo dos séculos a Santa Madre Igreja empenhou-se em revestir dignamente os seus filhos e ministros que servem o altar do Senhor.

Contudo, seria a estética a única razão de ser dos paramentos utilizados na Liturgia?

Conhecedora da contingência da natureza humana, a qual atinge as realidades sobrenaturais através das sensíveis (cf. *Suma Teológica*. III, q.60, a.4), aprouve à Igreja escolher para os seus sacerdotes determinadas vestes, a fim de que, por meio destas, eles se compenetrassem da grandeza de seu ministério. E São Tomás nos oferece vários exemplos a esse respeito (cf. Suppl., q.40, a.7).

Para representar a fortaleza necessária ao desempenho das funções litúrgicas, um tecido retangular de linho, o amito, cobre os ombros e o pescoço do clérigo, à maneira de um capacete. A alva, veste longa e branca, estende-se dos ombros aos tornozelos: eis simbolizada a pureza sacerdotal. O cíngulo, cordão robusto com borlas nas extremidades, ajusta a alva à cintura, expressando a disciplina da carne.

Enquanto os sacerdotes têm a plena potestade na distribuição dos Sacramentos, os diáconos dela apenas participam. Tal realidade é demonstrada pela estola, peça alongada e da mesma

cor da casula, portada de modo diferente por ambos os ministros: os primeiros levam-na sobre os dois ombros, enquanto os últimos a utilizam apenas sobre o ombro esquerdo.

A dalmática – veste larga, mas recolhida, utilizada pelos diáconos – indica a largueza e generosidade com que eles devem dispensar os Sacramentos, mas sempre em atitude de serviço, sendo por isso cingida nos dois lados. O sacerdote, por sua vez, reveste-se da casula, signo da caridade, pois ele consagra a Eucaristia, o Sacramento do amor.

Mas o simbolismo dos paramentos atinge seu ápice naquele que possui a plenitude sacerdotal: o Bispo. A mitra faz menção à ciência de ambos os Testamentos, evidenciada pelas duas pon-

tas. O báculo, semelhante a um cajado, representa o zelo pastoral: a curvatura no topo indica o papel de reunir os que se afastaram, a haste demonstra o sustento aos mais frágeis e sua extremidade recorda o estímulo que se deve dar aos mais lentos.

À vista de tamanha distinção, poderíamos nos perguntar: é necessário que esses ornamentos sacros, já tão significativos, sejam também preciosos? Isto não contraria a modéstia própria aos ministros de Deus?

Na verdade, observa o Doutor Angélico, a finalidade dos paramentos não é a glória pessoal do ministro. Antes, eles servem para separá-lo dos demais fiéis, “acentuando a excelência do seu cargo ou do culto divino” (cf. II-II, q.169, a.1 ad 2). Em suma, escolhidos com sabedoria pela Santa

Igreja os trajés litúrgicos têm como objetivo designar a idoneidade que os ministros devem possuir para celebrar adequadamente os divinos mistérios (cf. Suppl., q.40, a.7).

Assim, afirma São Tomás (cf. II-II, q.129, a.1, ad 3), quem despreza a honra devida àquilo que é digno de honra merece censura. Ora, há na terra algo mais digno de honra do que a Eucaristia? Com efeito, se alguém, movido por qualquer espécie de negligência, se aproximasse do Sagrado Banquete indignamente, bem poderia ouvir esta grave repreensão de Nosso Senhor: “Meu amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial?” (Mt 22, 12). ✠



Os trajés litúrgicos têm como objetivo designar a idoneidade que os ministros devem possuir para celebrar adequadamente os divinos mistérios

Cerimônia de ordenação presbital na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP), em 2019



Amor ao “unum” da Santa Igreja

Já na sua infância Dr. Plínio conseguiu discernir, nos múltiplos aspectos da vida da Igreja que ia conhecendo, o espírito que unificava e dava vida à Esposa Mística de Cristo.

✠ Plínio Corrêa de Oliveira

Durante minha infância, comecei a notar que na Igreja Católica existia uma uniformidade que me causava a seguinte impressão: parecia-me que nela as pessoas, os costumes, a doutrina, a Liturgia e as orações tinham no fundo, desde o início, uma mentalidade una.

Eu olhava os objetos do Santuário do Coração de Jesus¹ e pensava: “Curioso... Há qualquer coisa nesta imagem e naquele vitral, pelo qual todos são parecidos uns com os outros e formam um todo. Há mais do que os belos vidros, o belo mosaico e a bela música. Há uma unidade nisso, que existe também dentro de mim e que me encanta mais do que cada coisa, mas não sei o que é...”

Eu me esforçava para formular qual seria essa unidade, mas a minha mente de menino não conseguia...

Amando o “unum” da Santa Igreja

E eu notava não se tratar apenas de uma mentalidade, mas da mentalidade por excelência. Percebia que, propriamente, apenas a Igreja possui uma verdadeira mentalidade, e fora dela ninguém a tem.

Era um certo modo de ser, presente em absolutamente tudo, até nos mínimos detalhes: na letra do começo da oração de um livro de Missa, na estante do próprio missal, na forma do altar e das janelas, no jeito do padre, no toque do sino, no tipo do eco dos

passos dentro da igreja, no modo de colocar o confessionário mais para cá ou mais para lá, na disposição dos vasos sobre os altares... Parecia-me ver uma correlação entre a forma da pia de água benta e o espírito de tal Santo, ou entre o episódio da vida de tal outro e o colorido de tal vitral... Enfim, tudo o que se possa imaginar era a expressão de uma mentalidade total.

Eu folheei, depois, álbuns com fotografias de templos, mostrando estilos católicos de outros tempos e coisas da vida da Igreja em outras épocas, inclusive no período das catacumbas. E, em tudo, eu notava presente aquela mesma mentalidade, exprimindo-se de mil modos, jeitos e formas. Nada mais diferente do que uma catacumba romana e a *Sainte-Chapelle* de Paris, por exemplo. Entretanto, a mentalidade era a mesma.

Então, esse conjunto de símbolos, de doutrinas, de leis, de costumes e de realidades concretas constituía um *unum* a partir do qual se tinha uma visão inteira do universo, considerado no seu centro e na sua verdadeira significação; o que levava as pessoas a pensarem, quererem e sentirem em toda a medida da sua própria dimensão, pois qualquer alma possui imensas “vastidões”, habitadas ou inabitadas, sujas ou limpas, cavernas ou capelas... E todos esses espaços encontravam com o que se entreter na Igreja, em função daquele *unum*, o qual se exteriorizava

apropriadamente, com intensidades diversas e com plenitudes de força de expressão maiores ou menores, mas sempre autênticas, através de todos os séculos.

Por outro lado, sendo São Paulo uma cidade de grande imigração, recebendo, portanto, ordens e congregações religiosas dos mais diversos países, eu frequentava às vezes igrejas muito diferentes. Verifiquei, então, que a Igreja embebia dessa mentalidade de as mais variadas nações.

O encanto do “vitral italiano”

Um era, por exemplo, o jeitão majestoso e severo, mas no fundo bonachão e com certo relaxamento grandioso – próprio a Netuno no meio das ondas –, de certos padres italianos muito gordos e bem altos, que celebravam a Missa com ar de quem estava falando para a eternidade e depois brincavam com um *bambino*...

Tratava-se de sacerdotes de batina um pouco rapada e sobrepeliz não muito bem colocada, cuja estola era um tanto surrada, por economia, mas possuindo um “quê” indefinível da eternidade romana e daquela inteligência com a qual o italiano passa por cima dos detalhes para permanecer nas linhas gerais das coisas ou, às vezes, se acantona num pormenor para exprimir apenas nele uma linha geral, e continua adiante, o que faz parte das delícias da *Roma sparita*...²

Eu entrava na Missa do padre italiano e gostava dele, pensando: “Olhe como ele é inteligente e sutil; como ele suaviza uma série de regras que, para a minha *Fräulein*,³ são ‘eixos do universo’! E o universo não trema diante de toda essa indefinição dele. Como é bonita a inteligência humana quando ela sobrevoa os obstáculos em vez de enfrentá-los e, num bater de asas, supera o problema sem ligar para ele, pouso logo no alto de uma solução e dá um salto para maiores elevações. Eu aprecio esse modo italiano! Gosto da Igreja quando passa pelo ‘vitral italiano!’ Isso me regala!”

Assistindo à Missa no colégio alemão

Aos domingos, com certa frequência, a *Fräulein* Mathilde me obrigava a levantar muito mais cedo do que o normal, para assistir à Santa Missa num colégio de freiras alemãs, na Rua Conselheiro Crispiniano, e depois fazer uma excursão a pé. Eu obedecia de bom grado, para fazer a vontade de mamãe e por encantar-me com as coisas germânicas.

As ruas ainda estavam um tanto escuras e os lampiões de gás acabavam de ser apagados. A escolinha ficava num terreno elevado e, ao entrar no jardim, subíamos por uma rampa muito íngreme, ao longo da qual havia umas figuras de gesso em relevo, pintadas com muita ingenuidade, representando a Paixão de Nosso Senhor. Isso parecia feito para obrigar o visitante, logo ao chegar, a aproveitar todos os minutos fazendo uma coisa útil.

Apesar de não serem especialmente bonitas, essas figuras eram piedosas e estavam sempre muito limpinhas, dando-me a impressão de que a cada meia hora passava uma freira com uma esponja molhada e limpava aquilo com amor. Era um “banho” de colorido fresco que eu recebia antes de entrar na capela e havia algo ali que me fazia conhecer a santidade divina de Nosso Senhor Jesus Cristo suportando as dores da Paixão.

Nessa capela reinava a penumbra e a lamparina do Santíssimo bruxuleava. Tinha a impressão de que as imagens estavam acordando e me olha-

vam benevolmente, dizendo: “Aqui está este filho. Vamos ver o que ele quer”. Havia uma religiosa tocando o harmônio e um bando de criancinhas mais moças do que nós, filhos e filhas de membros das colônias alemã, austríaca e suíça, todos em ordem, formando fileiras e rezando. O padre alemão que celebrava a Missa era o contrário do italiano: firme e hierático, como se aquelas crianças fossem ulanos⁴ que ele estivesse comandando ali dentro.

A graça me enchia, então, de sensações sobrenaturais e eu pensava: “Isto é uma coisa magnífica! Essa ordem, essa limpeza. Tudo aqui está direito, sem caprichos nem corcovas! Se pudesse viver neste ambiente, não queria outra coisa! Sinto-me perfeito. Deus está aqui!”

Um simpático sacerdote português

Frequentávamos também a igreja de um padre português: era completamente diferente! Amável, gentil e acessível a todo o mundo. Perguntava o que queríamos e dizia:



Fotos: Colégio Santa Catarina

Ao contemplar na Igreja Católica os sacerdotes, a doutrina e a Liturgia, os mais diversos costumes e ambientes, Dr. Plínio discernia neles uma mentalidade una

Rampa de acesso e capela do antigo Colégio Santo Adalberto - São Paulo

“Por cima de tudo isto há Alguém, que é mais do que tudo! É uma coisa curiosa. A Igreja não parece uma instituição, mas uma pessoa que se comunica através de mil aspectos”

Igreja do Sagrado Coração de Jesus - São Paulo;
em destaque, Dr. Plínio no ano de 1985



Arquivo Revista

— Sim, pois não!

E eu me sentia em casa, imediatamente. Tudo ali parecia estar imerso na doçura! Ao aproximar-me do tabernáculo, tinha a impressão de que o próprio Deus ali era um tanto luso e nos recebia assim: “Meu filho, aproxime-se”.

Observando Dona Lucília na igreja

Mais de uma vez, no Santuário do Sagrado Coração, eu olhava os membros da família e depois observava mamãe com o canto dos olhos, sem ela dar-se conta. Notava como ela rezava com empenho! Podia acontecer qualquer coisa na igreja, mas ela nunca se voltava para os lados nem desviava os olhos do altar, no alto do qual está a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Eu, pelo contrário, olhava para todos os lados – o que era natural para um menino – e ela me deixava fazê-lo. Então pensava:

“Há uma atração entre o Sagrado Coração de Jesus e mamãe. Tenho a impressão de que, quando ela está

olhando para Ele, há nela uma vida extraordinária. E também, olhando-O, parece-me que Ele causou sobre ela um tal efeito que, de algum modo, Ele vive nela. Como Ele é admirável! Como é perfeito! Como é divino! Como é incomparável! Mas, também... Como ela é parecida com Ele! Mamãe é assim um modelo criado! Que fantástica é ela! A benquerença dela é uma fagulha do querer bem d’Ele. Toda esta bondade que aprecio tanto, nasceu d’Ele... O píncaro das perfeições dela está n’Ele! Se mamãe não fosse devota do Sagrado Coração de Jesus, não as teria. O meu afeto e a minha confiança ilimitada nela se explicam por isto!”

Ela era muito reservada quanto à própria vida espiritual e nunca me falou a respeito de alguma graça que houvesse recebido na igreja. Eu sentia que não devia perguntar, mas notava haver nela uma penetração daquela atmosfera da igreja e continuava pensando:

“É curioso: existe alguma relação entre esta igreja e ela. O que há em ma-

mãe, no altar e nos paramentos do padre é a mesma coisa. Ela parece feita para rezar aqui, e a igreja parece feita para que mamãe reze. Uma se parece com a outra. Como ela é harmônica com isto! Mamãe está mais contente aqui do que em casa, e este é o ambiente dela, onde a sua alma se abre inteiramente, o que não acontece em outros lugares.

“Aqui ela aceita tudo, inala tudo e se adapta a tudo! Este ambiente vive em mamãe e ela recebe aqui uma influência pela qual se torna cada vez mais semelhante à igreja, e depois espalha isso na família. Todo o afeto dela é uma irradiação disso.

“Mas, então, o que é isso? Quando chegarmos a casa, vou falar com ela para ver se sinto o mesmo, e verificar se o que ela possui é um reflexo do que existe aqui ou é algo que ela traz em si. Eu preciso saber, pois quero conhecer as coisas!”

Então, aos domingos, quando a família se dispersava após o almoço, eu entrava nos aposentos de mamãe, co-



meçava a conversar sobre qualquer coisa e notava nela qualidades que me pareciam análogas àquelas que eu notara na Igreja: uma personalidade muito digna e respeitável mas, ao mesmo tempo, de uma afabilidade e doçura indizíveis. Continuamente trazia consigo uma atmosfera de recolhimento, dando a entender que o espírito dela estava pairando numa região muito alta.

Era um reflexo da bondade de Deus, infinita mas condescendente, que vai até os últimos pormenores: fala sobre a ovelhinha, presta atenção na galinha, agrada a criancinha e medita sobre o lírio do campo. Quanto mais desce, mais doce se torna. E isso trazia como consequência a vaga ideia de que, no pequeno mundo da família, mamãe era uma imagem de Deus.

E eu pensava: “Vejo que ela possui o mesmo que existe lá, mas não sei nem sequer encontrar as palavras para perguntar-lhe sobre isso. Vou explicitar isto um dia!”

Um episódio arquetípico

A totalidade do que eu sentia na Igreja parecia-me provir de um espírito infinitamente superior, que quase se mostrava e se deixava perceber misteriosamente aqui, lá e acolá, através dos símbolos e por aquela ação interna dentro de minha alma, o que me deixava cheio de veneração. Ele era a causa que dava sustentação e fazia com que todas as coisas no Santuário do Sagrado Coração brilhassem como um reflexo muito rico, fiel, preciso e exato do próprio Deus. E eu pensava: “É curioso, mas parece que tudo aqui fala à minha alma com a voz que teria Jesus se estivesse na terra! Este é o próprio timbre da voz d’Ele! No fundo, é o Sagrado Coração de Jesus que está no Céu!”

Não posso me esquecer de um fato que se deu comigo nessa igreja, não uma vez apenas, mas numa série incontável de ocasiões – talvez anos a fio –, que, entretanto, em determinado dia marcou-me mais especialmente e permaneceu na minha memória como um episódio arquetípico.

Eu estava assistindo à Missa, encantado com as figuras, as cores, os vitrais, a liturgia e a atmosfera sobrenatural que pairava no ambiente, quando, de repente, formou-se em mim a noção do conjunto daquilo e concluí:

“Por cima de tudo isto há Alguém, que é mais do que tudo! É uma coisa curiosa. A Igreja não parece uma instituição, mas uma pessoa que se comunica através de mil aspectos. Ela tem movimentos, grandezas, santidades e perfeições, como se fosse uma ‘alma’ imensa que se exprime em todas as igrejas católicas do mundo, todas as imagens, toda a Liturgia, todos os acordes de órgão e todos os toques de sino. Essa ‘alma’ chorou com os réquiens e alegrou-se com os bimbahares dos Sábados de Aleluia e das noites de Natal. Ela chora comigo e se alegra comigo. Como eu gosto dessa ‘alma’!

“Tenho a impressão de que, em relação a ela, a minha alma é como uma pequena ressonância ou repetição; algo no qual esta ‘alma’ vive inteira, como se estivesse num templo material. Sinto-me nela como uma gota d’água na qual o sol se espelha inteiro. À maneira de miniatura e de reflexo, eu contendo essa alma!”

Eu não sabia explicar o que era essa “alma”, mas tinha a impressão de que toda a doutrina e todo o espírito da Igreja Católica me envolviam! Identificando-me com esse *unum* da Santa Igreja, embebendo-me dele e habituando-me a viver sem nenhuma discrepância com ele, encontrava uma esplêndida plenitude, em que me sentia cada vez mais sendo eu mesmo. Isso me sensibilizava até o fundo da alma, inspirava-me um movimento de gratidão e deixava-me incomparavelmente

mais encantado do que, por exemplo, com as carruagens de Versailles.

Creio que era a presença de Deus em mim, pela graça do Batismo.

“Creio na Santa Igreja Católica Apostólica Romana!”

Então, em certo momento, veio-me à mente uma ideia esplêndida: “Este é o espírito da Igreja Católica Apostólica Romana! Mamãe recebeu tudo isso da Igreja! Os artistas que fizeram este templo e os padres que celebram Missa também receberam a inspiração da Igreja!”

Ao mesmo tempo, surgiu em mim a convicção de que na Santa Igreja todas as coisas se imbricavam de um modo tão lógico e perfeito que só ela era a única e verdadeira. Então o meu ato de fé se explicitou em toda a sua extensão: “Creio na Santa Igreja Católica Apostólica Romana!”

Daí veio também um ato de amor: “Ela vale tudo! De tal maneira, que tudo quanto me agrada é semelhante a ela, mas também ela é semelhante a tudo o que me agrada. Ela é o ideal de minha existência! Para a Igreja quero viver e assim quero ser, tendo esse espírito para toda minha vida! E algo faz com que eu seja inteiramente consonante com ela e apenas com ela!” ✠

Extraído,
com pequenas adaptações, de:
Notas Autobiográficas. São Paulo:
Retornarei, 2008, v.I, p.521-531

¹ Localizado no Bairro dos Campos Elíseos, em São Paulo, próximo à casa em que Plínio residia com seus pais.

² Do italiano: literalmente, desaparecida. Termo cunhado para designar certos aspectos pitorescos – e hoje quase desaparecidos – da Cidade Eterna, imortalizados pelas aquarelas do pintor italiano Ettore Roesler Franz (1845-1907).

³ *Fräulein* Mathilde Heldmann, governanta alemã de Plínio durante a infância.

⁴ Soldados de cavalaria ligeira.



Cantai ao Senhor um canto novo

Quando a serenidade do recuo dos séculos já nos permite emitir um juízo acertado dos fatos, vemos que o “feeling” de alma de Gabrieli foi assertivo: longe de os instrumentos musicais adequados exercerem um papel desfavorável no recinto sagrado, eles corroboraram a grandeza do culto.

✎ **Fábio Henrique Resende Costa**



Talvez poucas coisas sejam tão difíceis de se colocar em termos quanto a música! Com efeito, em sua variegada e amplíssima vastidão o universo musical chega a ser uma arte que, sem despropósito, dedilha o infinito, pois participa em algo da imaterialidade própria aos espíritos.

Assim sendo, muito da satisfação que nos enche a alma ao ouvir uma boa melodia provém deste fato: ela nos “liberta” por instantes das amarras do mundo concreto, que nos impedem de estar mais voltados para as realidades transcendentais.

Surge ainda outra dificuldade ao versar sobre a música: como ela trans-

mite uma série de impressões entre seus ouvintes, às vezes diferentes e contraditórias, torna-se complicado estabelecer um juízo equitativo e unívoco a respeito de composições e compositores.

Como explicar, por exemplo, que em plena Idade Média o Papa João XXII tenha se manifestado avesso à polifonia nascente, por receio de o cantochão vir a ser descaracterizado? Ou então que São Pio X, ao inaugurar seu pontificado, tenha dedicado seu primeiro *motu proprio* à música, arte que “nem sempre é fácil conter nos justos limites”?²

E ainda, em nossos dias, como interpretar a tendência assaz difundida de segregar o divino das composições musicais usadas na Liturgia?

Sem pretender ter por alvo principal refletir acerca das características filosóficas desse gênero de arte,

limitar-nos-emos no presente artigo a esboçar traços da trajetória de um compositor italiano nascido na segunda metade do século XVI: Giovanni Gabrieli.

De antemão, pedimos ao leitor desculpas pelo fato de não ser possível transpor os sons às letras... razão pela qual a maior parte do aqui exposto só poderá encontrar a devida ressonância se posto sob o diapasão das harmonias do mestre italiano. Assim, que o convite à leitura seja acompanhado pelo da audição de alguma das peças desse veneziano cheio de talento.

* * *

Sinal da prosperidade de um povo é a arte! Independentemente de qual seja seu campo de ação – desde a gastronomia à pintura, da arquitetura à literatura –, quando bem guiada ela serve de arrimo e ascensor aos nossos sentidos para que, neste vale de lágrimas, encontremos de modo mais fácil os vestígios de Deus.

Presentes no culto desde os primórdios da Antiga Aliança, por que os instrumentos musicais permaneceram desterrados da Liturgia cristã durante tantos séculos?

Tradado da Arca da Aliança pelo Rei Davi, por Pieter van Lint - Museu Abtei Liesborn, Wadersloh (Alemanha)



À vol d'oiseau, se considerarmos a trajetória da Igreja desde seu nascedouro até 1552, ano em que provavelmente veio à luz Giovanni Gabrieli, veremos como diversos imperativos da caridade cristã penetraram pouco a pouco na sociedade: os homens foram-se tornando menos rudes e, por conseguinte, capazes de refinar esse “poder criador” que é a arte.

Entre as diferentes atividades humanas que se aprimoraram, encontra-se a música, que jamais deixou de estar presente junto ao santuário – como meio para abrilhantar e solenizar as cerimônias dignas de maior decoro –, apesar dos sinuosos e bastante enigmáticos caminhos que percorreu.

No que diz respeito ao uso dos instrumentos na Liturgia, porém, as controvérsias sempre se mostraram particularmente candentes, até em nossos dias...

Soar ou calar os instrumentos musicais?

Embora historiadores de peso, tal como Mario Righetti, afirmem que os instrumentos musicais “provavelmente foram desterrados do templo pelo seu caráter profano, sensual e clamoroso”,³ a questão parece centrar-se noutro sentido: quiçá o fato de os homens terem-se tornado mais sensuais e menos espirituais, mais profanos e menos orantes é que determinou a fabricação de instrumentos com tais notas, acabando por afastar da Igreja a possibilidade de, muito antes, os introduzir em sua Liturgia.

Outrossim, compreende-se que os instrumentos musicais, longe de serem impróprios ao culto, nele estiveram presentes desde os primórdios da religião da Antiga Aliança,⁴ porquanto constituem uma maneira de louvar a Deus e, a seu modo, expressam a graça e a dádiva celeste. Por decorrência lógica, seria normal que estivessem presentes no culto cristão desde seu nascedouro.

Por isso, em nada satisfaz nossa alma católica o historiador simplesmen-



Knut Nguyen

Longe de serem impróprios ao culto, os instrumentos musicais podem constituir uma maneira de louvar a Deus e, a seu modo, expressar a graça e a dádiva celeste, especialmente quando aliados ao canto vocal

Coro internacional dos Arautos do Evangelho durante uma Missa na
Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

te afirmar que “esta tradição judaica, músico-instrumental, não passou para a Igreja primitiva; os escritos apostólicos e os imediatamente posteriores não fazem alusão alguma a ela”.⁵

O *clou* do problema está em saber o porquê de esta tradição não ter continuado na Nova Aliança.

É-se levado a crer que a razão da ausência dos instrumentos na Liturgia deveu-se mesmo ao embrutecimento que atingia a sociedade, em maior ou menor grau, e que impedia o homem de conceber uma música que fosse a um só tempo ponderada, solene, grandiosa e dotada da sobriedade característica do cantochão.

Em síntese, o homem hesitava em transpor às notas musicais o seu arrebato interior, e temia que as composições musicais o afastassem da virtude da religião.

Não obstante, houve outros que entenderam ver somente no gregoriano a expressão da universalidade da Igreja em matéria musical, cerceando essa sua nota distintiva. Ora, como Mãe e Mestre dos povos, a sua riqueza reclamava a necessidade de “batizar” outros estilos

musicais que lhe fossem afins, máxime para o culto sagrado.

A carreira de Giovanni Gabrieli

Por essa ótica e nesse contexto histórico podemos, pois, melhor enquadrar a figura de Giovanni Gabrieli. Natural de Veneza, pouco se sabe de sua infância, exceto que foi iniciado na arte da música por seu tio Andrea Gabrieli, com quem estudou e do qual hauriu o talento.

A História ainda registra que Giovanni, bem antes de tornar-se famoso, cursou música em Munique, na Alemanha, com o renomado Orlando de Lassus, na corte do Duque Alberto V,⁶ onde teria permanecido até 1579.

De volta à sua cidade natal, assumiu o cargo de organista principal da Basílica de São Marcos, em virtude da desistência de Claudio Merulo – aliás, bom compositor e, de certo modo, responsável pela fama que passava a incidir sobre a escola veneziana. No ano seguinte, possivelmente 1585, devido ao falecimento de seu tio Andrea,



Giovanni Gabrieli assumiu também o prestigioso posto de compositor principal.

Num primeiro momento de sua carreira, a preocupação de Gabrieli foi a de reconhecer publicamente o quilate de seu mestre e mentor, ao compilar e divulgar inúmeras das obras de seu tio, prestando-lhe a homenagem devida à formação que recebera. Segundo sua expressão, considerava-se “quase filho” de Andrea.

Embora Giovanni compusesse consoante as formas correntes da época, sua inclinação era pela música sacra, razão pela qual todo o seu repertório de início de carreira foi vocal, visto que entre as vozes e os instrumentos, no recinto sagrado, erguia-se ainda uma barreira intransponível...

Com efeito, era essa a situação na quadra histórica do século XVI: “Foi em Roma que, logo após o Concílio [de Trento], viveram Palestrina e o seu rival Victoria, iniciadores de uma música de igreja que cada vez mais se afastará da antiga polifonia para procurar outros caminhos. Até então, padres e teólogos tinham resistido vivamente a tudo o que pudesse fugir à regra de

que só a voz humana é digna de orar a Deus: o instrumento musical parecia-lhes teatral, suspeito de sensualidade e de orgulho”.⁷

Entretanto, aos olhos de Giovanni tal concepção se mostrava equivocada. A música sacra vocal, se aliada aos instrumentos, poderia transpor novos patamares de espiritualidade ao externar “verdades de Fé” que reclamam mais grandeza e pujança; ou então, matizada ao som do órgão e de outros instrumentos que lhe fossem base, seria capaz de exprimir sentimentos mais profundos e ternos, onde a limitação da voz humana e o simples texto não conseguem penetrar.

Na pessoa desse gênio veneziano, a humanidade parecia externar o ensejo de entoar, desde o templo, com o salmista Davi um *canto novo* ao Senhor, acompanhado de instrumentos musicais (cf. Sl 32, 3).

No santuário, o ressoar de novas harmonias

A exemplo do harpista da Escritura, Giovanni Gabrieli não receou interligar o hiato entre a voz humana e os instrumentos musicais no recinto sagrado.

Para tal empreita, escolheu como palco de suas inovadoras e ricas composições as paredes seculares da poética Basílica de São Marcos, em Veneza, cujo *cadre* interior, cinzelado pela suavidade e graça de Sansovino,⁸ favorecia o ressoar das novas harmonias.

Ali, valendo-se de coros localizados frente a frente, soube criar efeitos sonoros impressionantes ao dividir seus músicos em duas alas, podendo explorar uma peculiar dinâmica através de sons notadamente fortes e fracos sucessivos. Desse modo, um coro ou grupo instrumental era ouvido primeiro, de um lado, seguido por uma resposta do segundo conjunto, do outro. E poderia haver ainda um terceiro grupo situado próximo ao altar, no centro da igreja, para “resolver” os trechos mais importantes da composição.⁹

O resultado era tal que, quando corretamente situados, os instrumentos podiam ser ouvidos com perfeita

Giovanni Gabrieli não receou interligar o hiato entre a voz humana e os instrumentos musicais no recinto sagrado. Para tal empreita, escolheu as paredes seculares da Basílica de São Marcos

Praça e Basílica de São Marcos, por Canaletto



clareza em pontos distantes. Assim, partituras aparentemente estranhas no papel – por exemplo, um único tocador de cordas contra um grande grupo de instrumentos de sopro – soavam em perfeito equilíbrio no interior da Basílica de São Marcos, graças à acústica concertada pelo estro do compositor! As composições *In Ecclesiis* e *Sonata pian e forte* são notáveis exemplos disso.¹⁰

Desfazia-se, pois, os mitos que cercavam o uso dos instrumentos na Liturgia: “Pensa-se em associá-lo à glorificação de Deus. A partir daí, o seu triunfo é seguro, sobretudo o do instrumento típico de igreja: o órgão, que aparece por todo lado”.¹¹

Logo, ao menos no que tange à música sacra, o gênio de Gabrieli passaria a pesar na História da arte.

Difusão pela Europa

A carreira do mestre veneziano encorpou-se ainda mais entre a elite europeia, ao assumir ele o cargo adicional de organista na *Scuola Grande di San Rocco* – ofício que manteve até a morte –, pois a Igreja de São Roque contava com a mais prestigiosa e rica de todas as confrarias venezianas, que rivalizava apenas com a de São Marcos quanto ao esplendor de seus conjuntos musicais.

Destarte, as tendências da música barroca estavam prontas a encontrar

eco, reconciliando a voz humana com o instrumento, e não apenas com o órgão, mas até com a orquestra.

Naturalmente muitos músicos da Europa, sobretudo da Alemanha, preocupavam-se em ir até Veneza para adquirir novos conhecimentos. Em consequência, diversos alunos e admiradores de Gabrieli acabaram por disseminar suas composições em outros países.

Entre seus alunos – sobremodo notável e talvez uma das maiores glórias que a música deva a Gabrieli –, encontra-se Heinrich Schütz, o qual soube transpor o estilo italiano dos *madrigali* e das *sacrae symphoniae* ao genuíno espírito alemão.

Sons que corroboram a grandeza do culto

Transcorridos os séculos, quando a serenidade da História já nos permite emitir um juízo acertado dos fatos, vemos que o *feeling* de alma de Gabrieli foi assertivo: longe de os instrumentos musicais adequados exercerem um papel desfavorável no recinto sagrado, por serem suspeitos de sensualidade ou de orgulho, eles corroboraram a grandeza do culto.

Hoje em dia, que alma fiel não se sente transportada para uma realidade tão mais feliz e benfazeja ao ouvir alguma



Fotos: Reprodução

Muitos músicos hauriram novos conhecimentos de Gabrieli, difundido suas composições em outros países

Partitura manuscrita da obra “Audite princeps”, de Giovanni Gabrieli - Biblioteca da Universidade de Kassel (Alemanha)

das *sacrae symphoniae* de Gabrieli ressoar, por exemplo, pelas majestosas naves da Basílica de São Pedro durante a Vigília Pascal, enquanto o Papa se desloca do presbitério à pia batismal para abençoar a água que transformará pobres homens em filhos de Deus?

Nesse sublime momento do Batismo, durante a mais santa das noites, as grandiosas notas e intervalos musicais de Gabrieli – gênio da arte – ressaltam a dignidade do Sacramento, completando o cenário. ✚

¹ Cf. COMBARIEU, Jules. *Histoire de la musique*. 8.ed. Paris: Armand Colin, 1948, t.I, p.383.

² SÃO PIO X. *Tra le sollicitudine*.

³ Cf. RIGHETTI, Mario. *Historia de la Liturgia*. Madrid: BAC, 2013, v.I, p.1133.

⁴ Não deixa de ser interessante notar inclusive certo caráter exorcístico próprio à música instrumental: eram os acordes da harpa de Davi que livravam Saul do espírito mau (cf. I Sm 16, 15-23).

⁵ RIGHETTI, op. cit., p.1132.

⁶ Alberto V, duque da Baviera, foi um dos chefes da Contrarreforma Católica contra os protestantes alemães. Como influente mecenas, era grande colecionador de arte e designou ao músico Orlando de Lassus um destacado lugar em sua corte.

⁷ DANIEL-ROPS, Henri. *História da Igreja de Cristo. A Igreja dos Tempos Clássicos (I)*.

São Paulo: Quadrante, 2000, v.VI, p.129.

⁸ Andrea Contucci, chamado Andrea Sansovino, foi um arquiteto e escultor italiano que se tornou influente na arte no período da Alta Renascença. Os cercados do coro da Basílica de São Marcos, acima dos quais há três relevos seus, constituíram palco para inúmeras interpretações do compositor Giovanni Gabrieli.

⁹ Embora esse estilo policoral – *cori spezzati* – estivesse sendo explorado em outros lugares desde décadas antes, o estro de Gabrieli soube dar-lhe notável êxito.

¹⁰ Conta-se pelo menos uma centena, entre as diversas composições de Giovanni Gabrieli: dois conjuntos de *sacrae symphoniae*, além de *canzoni*, *sonate* e *concerti*. Muitas de suas obras foram publicadas postumamente.

¹¹ DANIEL-ROPS, op. cit., p.129.



Um vitral de sons

Se fosse possível traduzir a “voz” de Deus num instrumento, certamente ela seria semelhante ao órgão: um verdadeiro vitral de sons, capaz de refletir e transmitir, numa harmoniosa variedade de matizes, a graça divina.



✠ Ir. Priscilla Stephanie Lourenço Cerqueira

Quem, desejando visitar a Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP), transpõe os portões que franqueiam a entrada da Casa de Formação Thabor, dos Arautos do Evangelho, logo se depara com uma coluna encimada pela alva imagem de Nossa Senhora de Sion e, à direita, com uma convidativa rampa em meio ao arvoredo.

Após ser saudado pelos educados porteiros, o visitante sente-se tomado pela incógnita do que encontrará para além do caminho à sua frente, nimbado pelo ar fresco e pela espessa e simpática Mata Atlântica – sua primeira anfitriã, uma vez que ninguém ainda apareceu... Subindo, aos poucos percebe o palpitante da vida de uma comunidade que não sabe bem como definir: mosteiro, quartel, castelo, catedral, o que queira chamar, pois ali se respira um pouco de tudo.

Ao sair do carro já lhe é possível, por meio do que escuta, pressentir algo... Sonoros acordes vindos do Céu? Brisas melódicas? O reboar longínquo de trovões? Sussurros angélicos? Nosso visitante, atento ouvinte, não logra discernir e se pergunta: o que será?

Chegando ao pátio diante da basílica, nota uma vitalidade ao mesmo tempo recolhida, orante e borbulhante. Aí se encontra com o arauto designado para mostrar aos recém-chegados os diversos espaços e narrar-lhes a história do templo. Sobe os degraus de uma escadaria *fer-à-cheval* e transpõe o átrio. Formas, cores, proporções e detalhes, luzes e sombras, vozes e sons formam um conjunto todo feito de beleza, de realidades espirituais e materiais, de algo que a linguagem humana não traduz, mas o coração compreende!...

Belezas que nos remontam ao Criador

Deus criou a nós, homens, com uma sede inata de infinito para que O buscássemos incessantemente desde os albores de nossa existência, pois destinou-nos à felicidade eterna junto a Ele e aqui estamos expatriados, à espera da glória futura nos Céus, como sugere a Salve Rainha: “Depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre”.

Ora, em sua infinita bondade o Senhor deu-nos certas “amostras” do Paraíso neste vale de lágrimas, que nos fazem de alguma forma antegozar

aquilo para o que fomos criados. Esta é a razão da beleza natural que contemplamos nos minerais, na flora e na fauna, bem como nas obras de arte fabulosas realizadas pelo gênio humano, como as igrejas, os castelos, as pinturas, as esculturas e tantas outras maravilhas, as quais, elaboradas segundo a reta ordenação posta pelo Criador, reportam-nos a Ele próprio, Fonte de todos os dons, que deu aos homens a capacidade de engendrar na terra reflexos palpáveis de sua perfeição.

No universo da arte, salientamos neste artigo uma que está a especial serviço da Sagrada Liturgia: a música sacra. E nela consideraremos, em particular, o papel do órgão.

Uma orquestra de orquestras

Existente nas mais variadas formas e tamanhos, esse instrumento pode produzir sons ora potentíssimos e encorpados, ora delicados e singelos, profundos e espirituais.

Paralelamente para quem o escuta e para quem o executa, ele reserva a surpresa do mistério: para os primeiros há a incógnita do que sucederá aos suaves *Gedacks* 8’, ou quando cessará o tonitruante *Clairon* 4’, para

Tocar um órgão é como ter nas mãos uma orquestra de orquestras, um brilhante capaz de refletir todas as cores, luminosidades e coruscações

dar passo a uma *Flûte douce* 4' e assim por diante;¹ para o organista, há sempre o suspense e a expectativa de como o instrumento responderá às inspirações e demandas de seu estro pois, sendo um instrumento movido a ar, causa a impressão de que o som, apenas emitido, é como que absorvido por algo imaterial que produzirá ou não o resultado sonoro desejado, a fim de tocar as almas no sentido do que a Liturgia pede no momento.²

É como se os Anjos propulsores do recolhimento, da impositação das vozes e dos imponderáveis do ambiente assumissem as ondas sonoras e, através delas, tornassem as almas sensíveis à voz misteriosa da graça que murmura no fundo dos corações palavras de doçura, paz e confiança em Deus.³

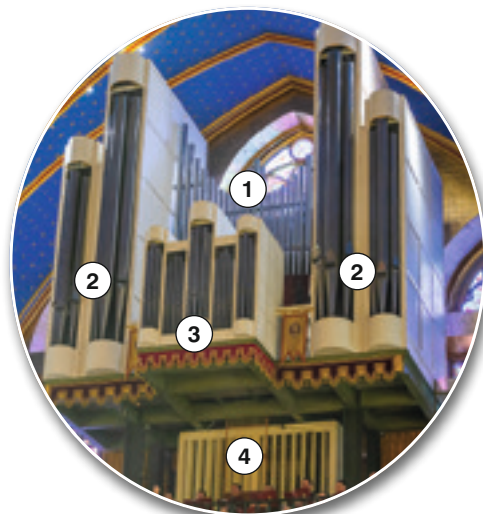
Este é um dos mais emocionantes efeitos produzidos pela quase ilimitada diversidade de timbres que proporciona um órgão de bom porte, como o da mencionada Basílica de Nossa Senhora do Rosário. Tocá-lo é como ter nas mãos uma orquestra de orquestras, um vitral de sons, um brilhante capaz de refletir todas as cores, luminosidades e coruscações.

Algumas pinceladas sobre o mecanismo interno de um órgão

Nosso visitante, se nunca teve a possibilidade de analisar de perto um órgão de tubos, talvez se pergunte: o que causa esta feeria de sons tão diversos?

Por incrível que pareça à mentalidade atual, dominada pela ideia de que tudo é resultado de tecnologias digitais, tal variedade sonora se produz mecanicamente. Trata-se de um complexo mas eficiente mecanismo de teclados, palancas, molas, foles e outras peças, que movimentam o ar em direção aos tubos de diversos tamanhos e formas, dos quais sairão os sons próprios ao instrumento.

De forma geral, no órgão temos a família das flautas, das cordas, das palhetas e dos diapásões – que são propriamente os registros de órgão, já que não procuram imitar outros instrumentos –, além de outras variações que enriquecem ainda mais a ampla gama dos timbres. A quantidade de teclados, denominados *manuals*, pode variar de um a seis. O fato de existir mais de um facilita a mutação de sons e potências, pois cada qual possui registros específicos.⁴



No alto da página, órgão da Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP). Em destaque, de cima para baixo: jogo de tubos do Positivo; Grande Órgão; e vista geral com as partes assinaladas: 1. Grande Órgão, 2. Pedal, 3. Positivo e 4. Recitativo



Mais do que em escutar lindas melodias ou nos regalarmos com o espetáculo de formas e cores, lucraremos se aproveitarmos destes bens para crescer na fé e no amor a Deus

A autora tocando o órgão no dia de sua inauguração, em 21 de setembro de 2024; em destaque, detalhe dos registros



No primeiro dos três manuais do nosso órgão, chamado *Positivo*, temos sons mais acessíveis à audição do público dentro da basílica, e é com ele que acompanhamos os cânticos dos fiéis. No segundo manual, também chamado *Grande Órgão*, temos os registros de maior potência, como os *Trompetes 16' 8'*, *Mixture 5f* e *Bourdon 16'*, entre outros. Por fim, temos o *Recitativo*, o terceiro manual, usado para apoiar a voz dos solistas ou solar suavemente.

Os números nos registros indicam as medidas em pés dos diversos tubos, podendo os mais graves, de 32', alcançar até doze metros, e os mais agudos, de 1', medir por volta de seis milímetros.

Instrumento católico por excelência

Registrar ou combinar os vários registros é uma arte complexa que

todo organista deve desenvolver eximamente, pois dela depende a boa execução das músicas. Cada peça, seja do período medieval, renascentista, barroco ou romântico, tem suas características especiais e pede timbres apropriados,⁵ ademais de a escolha dos registros levar muito em conta a diferença entre uma interpretação solada, uma instrumental *strictu sensu* ou acompanhada de vozes.

Em suma, o órgão é um grande instrumento, cuja principal função consiste em auxiliar os fiéis na oração, sublinhando o estado de recolhimento reinante e proporcionando às almas melhores disposições para receberem as graças que Deus, Pai infinitamente pródigo, dispensa a todos os que se põem ao abrigo d'Aquela que Ele nos deu como Mãe imaculada e indefectível: a Santa Igreja.

Venha nos visitar!

O que vimos até aqui foi uma tentativa de explicar os misteriosos sons com os quais tomou contato nosso visitante de apurado ouvido.

Ora, mais do que em escutar lindas melodias, regalar-se com o espetáculo de formas e cores ou apreciar qualquer outra forma de beleza material, lucrará ele em aproveitar destes bens para crescer na fé e no amor a Deus, como quem não se satisfaz em simplesmente ter impressões agradáveis, mas toma resoluções firmes que o aproximam da verdade. Do contrário, poderá cair no mesmo erro dos romanos, acusados por São Paulo de não se elevarem ao Senhor através das criaturas (cf. Rm 1, 18-21).

Enfim, caro leitor, encerramos estas linhas apresentando-lhe nosso afetuoso convite: venha também nos visitar e permita que as adorantes melodias do órgão e os encantos da Basílica de Nossa Senhora do Rosário lhe toquem o coração e estreitem, assim, os laços que o unem ao Pai Celeste. ✚

¹ O registro *Gedacks 8'* imita o som de uma flauta de madeira; o *Clairon 4'*, o som de um clarim; o *Flûte douce 4'*, o som de uma flauta doce mais aguda.

² Muito além de técnica ou de simples complemento, o papel do organista na execução de qualquer peça musical é im-

portantíssimo, pois ele deve não só acompanhar seu desenrolar, mas sustentar a afinação dos cantores e a correta interpretação da velocidade e do estilo desejados pelo compositor, máxime tratando-se de música sacra, em que os imponderáveis da melodia devem acom-

panhar a sublimidade dos mistérios celebrados (cf. FETIS, François-Joseph. *Treatise on Accompaniment from Score on the Organ or Pianoforte*. London: William Reeves, [s.d.], p.32-36).

³ Cf. SAINT-LAURENT, Thomas de. *O livro da confiança*.

São Paulo: Retornarei, 2019, p.13.

⁴ Cf. BEDOS DE CELLES, OSB, François. *L'art du facteur d'orgues*. Paris: Saillant & Nyon, 1766, p.2-142.

⁵ Cf. FETIS, op. cit., p.35-36.

...que a menor basílica do mundo está no Brasil?

Sim, e a 1746 metros de altitude! A Serra da Piedade, localizada entre a capital mineira e o município de Caeté, é conhecida sobretudo pelo pequeno santuário erguido em seu cume, o qual, apesar de sua simplicidade, torna ainda mais pulcro o rico panorama natural, especialmente pela proteção da mais bela criatura, Maria Santíssima.

O singelo templo, dedicado a Nossa Senhora da Piedade, teve origem numa aparição da Santíssima Virgem a uma menina muda, à qual Ela concedeu a cura. A construção começou no ano de 1767 por iniciativa do português Antônio da Silva Bracarena, apoiado por Manuel Coelho Santiago. Edificada no mesmo local da aparição, a cape-

Sérgio Mourão (CC by-sa 4.0)



Basilica Menor de Nossa Senhora da Piedade - Caeté (MG)

la original logo passou a atrair grande número de peregrinos. Em 2017, após muitas reformas e melhorias, foi elevada à categoria de basílica menor.

A pequenina igreja, tipicamente barroca, ostenta no altar-mor uma imagem da Virgem da Piedade feita por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e, segundo reza a lenda, a montanha sobre a qual se encontra está constituída por ouro e prata, o que serviu de referência geográfica para os desbravadores do século XVII. Se é verdade ou não, ninguém o sabe, mas algo resulta incontestável: enquanto Padroeira de Minas Gerais, Nossa Senhora escolheu o alto daquela serra para mostrar que, mais valioso do que qualquer bem deste mundo, é o seu amor maternal, derramado sobre os filhos que pedem sua clemência. ✦

...por que há um paramento litúrgico róseo?

Entre os muitos elementos que compõem a Liturgia católica, a variedade de cores dos paramentos possui um papel simbólico e expressivo. Com extremos de zelo e dedicação, a Santa Igreja se serve dessas cores a fim de transmitir com mais eficácia o significado dos mistérios que celebra.



Sacerdote com paramentos róseos

Intui-se por si mesmo o simbolismo de muitas das cores utilizadas no decorrer do Ano Litúrgico. Ao nos depararmos com o paramento vermelho, por exemplo, imediatamente nos remetemos ao fecundo sangue dos mártires ou às ardorosas chamas do Espírito Santo. Mas por que o róseo?

Em meio ao roxo sóbrio da Quaresma ou do Advento, a Igreja nos surpreende revestindo seus ministros de um matiz luminoso. Com sua tonalidade entre o purpúreo e o violeta, o rosa aparece no 3º Domingo do Advento, chamado *Gaudete*, e no 4º Domingo da Quaresma, denominado *Lætare*, por causa das palavras iniciais das antífonas de entrada das Missas destes dias. À primeira vista, devido à sua vitalidade essa cor pareceria não muito apropriada para um período penitencial... Entretanto, seu uso encerra uma finalidade sumamente pastoral ao representar

o júbilo que a Igreja experimenta no Natal e na Páscoa, simbolizado por três propriedades da rosa: o odor, a cor e o sabor, os quais refletem a caridade, a alegria e a saciedade espiritual.

Tanto na Quaresma quanto no Advento, aguardamos com santa sofruidão os acontecimentos primordiais da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo: seu nascimento e sua Ressurreição. Na esperança dessas solenidades – sempre celebradas com o paramento branco – e como que já as antecipando, a Igreja utiliza o paramento róseo para manifestar seu júbilo por estar às portas de tão almejados acontecimentos. Ademais, tendo acompanhado ao longo dos dois tempos de preparação o sacrifício penitencial de seus filhos, simbolizado pelo paramento roxo, a Esposa Mística de Cristo deles se compadece e atenua um pouco seu rigor por meio do matiz dessa cor. ✦

Uma carmelita de fábula

Nascida de nobilíssima estirpe real, “Madame” Louise se fez esposa de Cristo, tornando-se assim uma princesa de magnificência superior.

✠ Bianca Maria dos Santos Damião



O que mais define o nobre é a excelência de sua pessoa. Pelo simples nascimento, ele está chamado a guiar outros e a representar o próprio Deus. Tal excelência, porém, reveste-se de ainda maior pulcritude se unida à magnanimidade da renúncia – tão necessária à existência humana, sobretudo depois de sublimada pelo Sacrifício da Cruz.

Renunciando às pompas do mundo, aquela que nascera de nobilíssima estirpe real parece ser um exemplo arquetípico dessa realidade. *Madame* Louise, a última filha do casal Luís XV de França e Maria Leszczyńska, Prin-

cesa da Polônia, escolheu para si uma via mais elevada. Ao se fazer esposa de Cristo tornou-se também, pelo signo da generosidade, uma princesa de magnificência superior.

Educação em Fontevraud

Nascida em 15 de julho de 1737, a pequena Louise era chamada *Madame Septième* – a Senhora Sétima –, embora fosse a oitava filha, pois falecera uma de suas irmãs. Cercada pela atenção de doze cortesãos, cuja única função consistia em acompanhá-la com constantes cuidados, já em tenra idade desfrutava do poder de mandar e

ser servida. Possuía um temperamento impetuoso e vivaz.

Ainda menina sua educação foi confiada – com três de suas irmãs, *Mesdames* Victoire, Adélaïde e Sophie – aos cuidados das religiosas beneditinas da Abadia de Fontevraud. Dessa forma, passou sua primeira infância na saudável atmosfera do convento, sendo habilmente formada na religião e no amor às realidades eternas.

Dois fatos marcaram especialmente esse período. Como sua criada de quarto demorasse certo dia em atendê-la, Louise subiu na grade de seu leito, dali caindo... O acidente deixou-lhe uma deformidade física e quase a levou à morte. As freiras rogaram à Santíssima Virgem por ela, e milagrosamente a pequena se curou. O episódio marcou o começo de sua devoção à Mãe de Deus.

Em outra ocasião, julgando-se ofendida por uma de suas damas, disse-lhe: “Não sou eu a filha de vosso rei?” Ao que a interlocutora respondeu: “E eu, *Madame*, não sou filha de vosso Deus?” Ressaltava-se assim a dignidade batismal aos olhos da princesa, que logo se desculpou, muito impressionada.

Louise tinha uma consciência esclarecida, o que permitia corrigir-se facilmente ao notar seus defeitos, e demonstrava grande zelo pelos deveres de piedade, nos quais obtinha forças para o combate espiritual.

Escreveu ela em suas meditações características: “Assim que meus primeiros



Francisco Lecaros



Reprodução

Dois partidos se rivalizavam na corte francesa: dos que aprovavam o comportamento licencioso do rei, e o dos que se lhe opunham

Luís XV - Palácio Real de Caserta (Itália); e Maria Leszczyńska, por Charles-André van Loo - Museu de História da França, Palácio de Versailles (França)

anos passaram, assim que os ensinamentos de vossa santa religião penetraram em minha alma, Vós fizestes nascer em mim uma piedade afetuosíssima pelo Sacramento dos altares. Eu suspirava pelo momento de nele Vos receber, de nele Vos possuir. Uma fê viva e um amor ardente, acrescidos de novos dons de vossa graça, aumentaram ainda mais meus desejos. Vós os ouvistes e os atendestes, Deus de bondade, Vós os coroastes dando-me vosso Corpo Sagrado em alimento. Ó dádiva que agradecerei até o último momento de minha vida!”¹

Em 21 de novembro de 1748, Louise fez sua Primeira Comunhão, contando onze anos de idade. No mês outubro de 1750 voltou a Versailles, onde permaneceria até 1770. Não deve ter sido pequeno o choque de ambientes entre as bênçãos da abadia e a decadência moral da corte francesa...

A diferença entre dois mundos

Inúmeros excessos na linha moral maculavam a corte, onde o gozo mundano era a finalidade última da existência. “Nenhuma época foi mais galante, nem mais refinadamente libertina do que aquela. Pode-se dizer que tudo era permitido, que tudo era admitido no terreno das fraquezas humanas, contanto que se respeitassem as regras do decoro e das boas maneiras”.²

Ao analisar essa triste realidade com certo senso psicológico não é difícil imaginar o que significou para *Madame* Louise, alma reta e ardente, o contato com tal permissivismo entre aqueles que deveriam ser a vanguarda do bom exemplo e da retidão.

E o mais desconcertante era que essa decadência se apoiava no relativismo da vida privada do rei, seu pai, em torno do qual se rivalizavam dois partidos: o da maioria da família real, que reprovava seu adultério; e o do concubinato, que favorecia o comportamento licencioso do soberano e os interesses da Revolução.



Em meio à decadência moral da corte transcorreu a adolescência de Louise, que escolheu a via mais perfeita

“Madame” Louise, por Jean-Marc Nattier - Museu de História da França, Palácio de Versailles (França)

Louise mantinha hostilidade aberta às concubinas do rei. Aliava-se especialmente a seu irmão, o Delfim Luís Fernando, cujas virtudes eram bem conhecidas dos franceses, possuindo ambos grandeza de alma afim.

Também Maria Leszczyńska, sua mãe, era “o mais nobre modelo de todas as virtudes religiosas e sociais [...]”; enquanto viveu, a rainha permitiu que a corte de Luís XV tivesse o aspecto digno e imponente que é devido a uma grande potência”.³

Nessa dualidade de concepção da vida em que se encontrava a corte francesa, transcorreu a adolescência da princesa que, firmada pela graça, escolheria a via mais perfeita.

A vocação se define

Conta-se que *Madame* Louise apreciava exercícios difíceis e até violentos. Certa vez, enquanto caçava, seu cavalo assustou-se e a lançou a considerável distância. Ela quase caiu sob as rodas de uma carruagem que por ali passava a toda velocidade.

Quando lhe ofereceram voltar ao palácio num carro, ela se recusou e pediu que lhe trouxessem seu cavalo. Ao

ser-lhe apresentado o animal nervoso, Louise nele montou rindo-se da preocupação alheia; logo o dominou e continuou o passeio. Tendo regressado ao castelo, agradeceu a Nossa Senhora a segunda intervenção por sua vida.

Em horas de recolhimento, certamente, fatos como este a sustentavam na prática do bem e no exercício da piedade.

Nesse período Deus visitou a família real, chamando alguns de seus mais virtuosos membros a comparecer ante Si, fato que marcou a alma de Louise. Em 1752 morreu *Madame* Henriette, sua irmã, de tuberculose intestinal. Em 1765 faleceu do mesmo mal o Delfim Luís Fernando, seguido por sua esposa dois anos depois. Seu avô morreu queimado acidentalmente na Polônia, e sua mãe faleceu em 1768.

O luto por esses acontecimentos parece ter mantido a princesa na corte por um longo período, pois pensava em seu pai. Ela, porém, há muito decidira abraçar a vida monástica.

Na corte de Versailles, um coração carmelita

Em 1751, Louise assiste à entrada de *Madame* de Rupelmonde no Carmelo de Compiègne. A cerimônia a encanta de todas as formas, ajudando-a a delinear sua vocação.

A partir de então a princesa mantém-se cada vez mais recolhida e distante de confortos. Dedicar-se à meditação, seguindo o ano litúrgico, e para isso procura a solidão, apesar de seu temperamento vivaz, que tem de dominar. “Eu o sinto: Ele [o Senhor] me chama para algo mais elevado, e me atrai mais especificamente ao seu serviço”;⁴ escreve em suas anotações.

Sem deixar de cumprir suas obrigações enquanto princesa — o que incluía jantares oficiais, recepções de embaixadores e revistas militares, além de divertimentos como exposições de artes, bailes, jogos, apresenta-



“Não conheci o suficiente do mundo para odiá-lo para sempre, para nunca me arrepender? Considerei tantas vezes, uma a uma, todas as delícias deste estado, às quais quero renunciar!”

Galeria dos espelhos - Palácio de Versailles (França);
em destaque, Venerável Teresa de Santo Agostinho, por Anne Baptiste Nivelon

Myrabella (CC by-sa 3.0)

ções de teatro e concertos musicais –, inicia a vida consagrada sem ainda ter abandonado o palácio. “Que em toda parte, mesmo nos lugares mais consagrados ao mundo, eu tenha um coração crucificado, um coração de uma carmelita”,⁵ pede ela numa novena a Santa Teresa de Jesus.

No ano de 1762, Louise obtém as constituições carmelitas e uma veste monástica, que utiliza quando pode estar sozinha em seus aposentos. “Minhas orações, sempre preparadas pelo exercício da presença de Deus, a quem me elevarei em intervalos, não sofrerão mais da vivacidade de minha imaginação, da infeliz dissipação que quase necessariamente resulta das relações com o mundo, nem da ocupação excessiva comigo mesma”.⁶ Nessas palavras percebe-se a primeira conversão de Louise e a procura do recolhimento interior, preparatórios à vida de contemplação no Carmelo.

E à medida que ela progride, sua convicção torna-se mais firme: “Tudo o que está ao meu redor parece me convidar a me fixar nesta terra, aparentemente risonha e feliz; tudo o que está dentro de mim brada que ela não é senão um lugar de exílio e peregrinação”.⁷

Todos os dias a princesa se dedica a um acurado exame de consciência. É com gravidade que lemos o que ela exige de si em suas meditações: “Sempre me esforcei seriamente para

me examinar, para me seguir de perto, para desenvolver todos os motivos habituais que guiam minhas ações, para pesar minhas iniquidades na balança do santuário, para detestá-las todas sem reservas nem mistura, para preveni-las com as medidas necessárias, para repará-las pelas santas mortificações da penitência, pelas humilhações e dores do arrependimento sincero?”⁸

Vê-se por suas próprias palavras que Louise leva uma vida humilde, aspirando ao sacrifício e à Cruz de Nosso Senhor. Afasta-se do aquecimento do castelo em dias de frio, vence a repugnância por cheiro de velas e a dificuldade de manter-se por muito tempo ajoelhada. É conhecida também sua dedicação para com os necessitados: dá aos pobres todo o dinheiro que recebe para seus gastos pessoais, nunca os utilizando para si.

Afinal, no Carmelo

Apenas o Arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont, sabia de suas aspirações à vida religiosa. A princesa fez uma novena a Santa Teresa pedindo forças para vencer a ternura de seu pai e rogou ao prelado que intercedesse por ela junto ao rei. Luís XV ficou consternado com a notícia e pediu quinze dias para pensar. Percebendo ser um autêntico chamado de Deus, deu sua bênção paterna à vocação da filha.

Foi com imensa generosidade que Louise fez a entrega de si mesma a Deus. Ela bem sabia que suas orações e sacrifícios pesariam na balança divina em favor da conversão de seu pai e da corte. “Não conheci o suficiente do mundo para odiá-lo para sempre, para nunca me arrepender? Considerei tantas vezes, uma a uma, todas as delícias deste estado, às quais quero renunciar!”⁹ afirmou.

Ao relatar sua opinião sobre a partida da princesa, assim se exprime *Madame* Campan, preceptora das filhas do rei: “A alma de *Madame* era superior, a princesa amava as grandes coisas! Acontecia muitas vezes interromper a minha leitura gritando: ‘Como é belo! Como é nobre!’ Assim, não podia tomar senão uma única atitude admirável: trocar o palácio por uma cela e os seus belos vestidos por um hábito de burel. Foi o que fez”.¹⁰

É patente que depois da tomada do hábito de *Madame* Louise a 10 de setembro de 1770 no Carmelo de Saint-Denis, com o nome de Ir. Teresa de Santo Agostinho, vieram-lhe as oportunidades mais variadas de lutar pelas almas e pela França.

Ela foi nomeada mestra de noviças e nos dá um interessante relato dessa função: “Como queres que eu tenha um momento para mim quando estou encarregada de treze noviças de um



fervor que é preciso continuamente moderar? Só encontro dificuldade quando tenho de fazê-las descansar”.¹¹

Pouco tempo depois foi eleita superiora e recebeu a admiração de todo o convento. Lúcida e serena, sem complacência com o mal nem rigor excessivo, distinguia-se pelo bom senso de seu caráter e pela atenção para com suas irmãs. Era uma priora que sabia formar heroínas de amor e despreensão.

A princesa também exerceu a função de tesoureira da comunidade e empreendeu a reconstrução da igreja do convento. Várias dívidas adquiridas anteriormente foram sanadas pela sua perspicácia no governo.

Atuando pela Igreja e pela França

A princesa carmelita não poupou esforços junto a seu pai em benefício da Igreja. Já no reinado de Luís XVI, procurou influenciar o espírito indeciso do soberano a fim de tomar o partido do bem e ser íntegro no exercício de sua missão real. Era tão benfazeja sua ascendência sobre ele que a Revolução a temeu e procurou deter esse raio de luz que incidia sobre o monarca.

Ela o corrigiu tenazmente pela sua fraqueza em assinar o Editó de Tolerância, reconhecendo direitos civis aos protestantes. Via nessa atitude o influxo das ideias iluministas e as grandes catástrofes que dela poderiam advir à França.

Ir. Teresa de Santo Agostinho foi também manifestamente contrária

aos erros jansenistas que se alastravam na época, procurando salvar inúmeras religiosas que aderiram a este mal. Ademais, com o prestígio que gozava conseguiu do rei a autorização para que cinquenta e oito freiras carmelitas fossem recebidas em território francês, após a expulsão dos estados austríacos, por ordem do Imperador José II, de todos os religiosos contemplativos.

Um modo exato de entender sua augusta personalidade é tomar contato com seu epistolário, no qual a freira carmelita e a princesa se coadunam em prol dos interesses da Igreja e do bem público.

Morte por envenenamento?

Levanta-se na História a possibilidade de a princesa ter sido envenenada. Com efeito, conta-se que nesse período ela recebeu um envelope anônimo contendo relíquias. Tendo-o aberto, encontrou um punhado de cabelos envoltos num misterioso pó. Ao aspirá-lo, sentiu imediatamente seus maléficos efeitos: “Ela não disse nenhuma palavra e a porteira a viu atirar rapidamente o envelope ao fogo. *Madame Louise* morreu um mês depois, em 23 de dezembro de 1787, após semanas de atrozes sofrimentos”.¹² Não houve diagnóstico para sua enfermidade e a princesa morreu exclamando: “A galope, a galope para o Paraíso!”

E como tudo o que fazia nascia de uma saudável impetuosidade, não terá se apressado menos no momento supremo de se lançar ao inopinado para conquistar o Céu.

Teria ela cumprido sua missão? Não é possível duvidar! Dr. Plínio assim o afirma, tendo em vista o renascimento religioso na França mesmo sob as garras da Revolução: “É evidente: a imolação da Venerável Louise de França não foi alheia a isso pois, se a vida dos justos é preciosa junto a Deus, a vida desta justa necessariamente foi de grande peso diante d’Ele, como o foi diante dos homens!”¹³

Podemos sem temor afirmar que a maior das honras de *Madame Louise* é a de ter sido um obstáculo para a ação revolucionária na França. Mais: ela contribuiu para que ali nascesse um movimento religioso contrário a esses erros e, apesar das aparências adversas, diante de Deus triunfou. ✚



Era tão benfazeja sua influência sobre os reis, que a Revolução procurou deter esse raio de luz

Visita de Luís XV à sua filha no Carmelo, por Maxime Le Boucher - Museu de Arte e de História de Saint-Denis (França)

¹ VENERÁVEL TERESA DE SANTO AGOSTINHO. *Méditations eucharistiques*. Lyon: Théodore Pitrat, 1810, p.47.

² HENRI ROBERT. *Os grandes processos da História*. Porto Alegre: Globo, 1961, v.VI, p.158.

³ CAMPAN, Jeanne Louise Henriette. *A camareira de Maria*

Antonieta. Memórias. Lisboa: Aletheia, 2008, p.11.

⁴ VENERÁVEL TERESA DE SANTO AGOSTINHO, op. cit., p.111.

⁵ Idem, p.292.

⁶ Idem, p.106.

⁷ Idem, p.3-4.

⁸ Idem, p.103.

⁹ Idem, p.286.

¹⁰ CAMPAN, op. cit., p.13-14.

¹¹ PROYART, Liévin-Bonaventure. *Vie de Madame Louise de France*. 2.ed. Paris: Librairie d’Education de Perisse Frères, 1849, t.I, p.226.

¹² COHALAN, Kevin. Une énigme du Carmel. La princesse

empoisonnée. In: *Dossier Histoire des Crimes du Plateau*. Montreal. Ano VIII. N.1 (mar.-maio, 2013), p.10.

¹³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. A força do bom exemplo. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XXVI. N.303 (jun., 2023), p.24.



Semente de um glorioso porvir

Guia, amparo e sustentáculo da inocência de seu filho, Dona Lucilia foi a semente dourada e magnífica da qual nasceu a vocação de Dr. Plínio.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Com frequência o estado espiritual da mãe condiciona o do filho, pois Deus leva em conta a fidelidade materna para dar aos descendentes as graças necessárias ao cumprimento de sua missão. Para desempenhar bem esse encargo é preciso que a mãe saiba rezar, tenha sólida vida interior, frequente os Sacramentos e, assim, se beneficie da graça e progrida na vida espiritual. Desse modo ela contribuirá para sua própria santidade se refletir nos filhos.

Nosso Senhor diz no Evangelho: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5, 6); o amor da mãe pelo filho deve ser tal, que ela tenha fome e sede de perfeição e queira dar-se por inteiro para santificar o filho, a ponto de, estando junto à criança, encantá-la e movê-la a exclamar: “Como é bonito ser santo!”

O privilégio de ter uma boa mãe

Esta era a opinião de Dr. Plínio: “A maior das universidades não tem o papel da mãe: o de condicionar, dentro da perspectiva dela e que ela transmite ao filho, uma porção de noções gerais, [...] as quais se projetam depois sobre toda a vida dele. Após haurir dela as boas influências, próprias a prepararem para a Igreja Católica e a darem uma avidez enorme para acolher a Igreja Católica na alma dele, quando o filho termina o

curso da vida, percebe que aquilo confere com o recebido dela no começo”.

Se fizermos uma ideia concreta do privilégio de se ter uma boa mãe, na qual brilham as virtudes e os dons do Espírito Santo, que toma o filho nos braços cheia de um carinho, um afeto e um modo de ser com os quais vai abrindo os olhos dele para a realidade e dando o primeiro impulso no reto caminho, teremos na mente a noção clara do papel de Dona Lucilia na ascensão espiritual de Dr. Plínio.

Testemunho disso foi o louvor que ele lhe rendeu, logo que ela exalou o último suspiro: “Eu estudei sua bela alma com uma atenção contínua e era por isto mesmo que eu gostava dela. A tal ponto que, se ela não fosse minha mãe, mas a mãe de um outro, eu gostaria dela da mesma maneira, e daria um jeito de ir

morar junto a ela. Mamãe me ensinou a amar a Nosso Senhor Jesus Cristo, ensinou-me a amar a Santa Igreja Católica”.

Alma medieval, suscitada com vistas ao futuro

Deus, em sua infinita sabedoria, preparou com antecedência o desabrochar da tão elevada vocação de Dr. Plínio, dando-lhe Dona Lucilia por mãe. Teve ela sua alma ornada com as graças da Idade Média e com o que havia de melhor no *Ancien Régime* e na *Belle Époque*, ou seja, o que a era das catedrais e das cruzadas produzira “*post mortem*”, uma vez iniciada a decadência revolucionária. Em realidade, fundamentado na palavra de Dr. Plínio e na própria experiência pessoal, julgo que Dona Lucilia possuía algo a mais que não houve em nenhuma época anterior.

Com efeito, assevera o bom princípio teológico que a Igreja, enquanto Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, não permanece inerte ao longo dos tempos, mas está constantemente crescendo em graça e santidade até o fim do mundo. Enquanto houver uma pessoa batizada na face da terra, a Igreja nela estará viva e progredindo cada vez mais, porque conta com a promessa de imortalidade feita por Nosso Senhor.

Ora, dentro desse crescimento, Dona Lucilia representava uma semente dourada e magnífica, cheia de irisações

Que privilégio ter uma boa mãe, na qual brilham as virtudes e dons do Espírito Santo, e que toma o filho nos braços cheia de carinho!

de algo que haveria de bom no futuro.

Uma semente de inocência modesta, pequena, ignorada

A esse respeito, é ilustrativo um comentário feito por Dr. Plínio em 1977:

“Havia no espírito dela um ponto altíssimo, que era o campo da inocência dela. Que relação esse campo de inocência dela tem com a minha inocência? E que relação esse campo de inocência tem com o papel dela dentro da História? [...] [Ela] retivera sobretudo os lados bons do século XIX, que eram as tradições medievais ainda vivas; e sua alma era uma continuação disso. De maneira que eu comecei a amar nela a Idade Média, e muitas vezes pensava: ‘Como é parecida com mamãe’.

“Contudo, mamãe não tinha uma noção exata do que tinha sido a Idade Média. Ela gostava muito das coisas góticas, mas sua alma era mais gótica do que ela notava no gótico. Ela foi um eco fidelíssimo, embora subconsciente, dessa gloriosa era de fé, e enquanto o mundo inteiro ia decaindo e abandonando [...] o espírito da Idade Média, ela gerou um filho entusiasta da Cristandade medieval.

“Ela é o hífen, a ponte entre tudo o que houve outrora e o futuro. Ela representava o último pranto do passado, chorando por morrer. E o filho dela, Nossa Senhora destinou para fundar uma família de almas que seria o raiar



Dona Lucília com seu filho, Plínio; no fundo, um dos ambientes da Casa de Formação Thabor, Caieiras (SP)

A grande missão de Dona Lucília consistiu em ser uma semente pequena e ignorada, mas cheia de irisações de algo que haveria de bom no futuro

da Idade Média resurrecta no Reino de Maria. [...] Quer dizer, a palavra hífen diz pouco: é a última semente de uma árvore esplendorosa que morre, mas da qual vai nascer outra árvore ainda maior. Essa semente foi ela: modesta, pequena, ignorada, sem deixar atrás de si outro rastro a não ser esse, mas deixando esse. E esse é o grande papel histórico dela, a grande missão dela”.

Dada a extraordinária vocação de Dr. Plínio, não era normal que ele nascesse de uma mãe inocente, como o foi Dona Lucília, que nunca cometeu uma falta grave durante os noventa e dois anos de sua longa vida?

Sim, esse chamado, segundo o plano de Deus desde toda a eternidade, deveria estar fundado na inocência e, sem esta, seria impossível a Dr. Plínio cumpri-lo. É da inocência que partiriam tantas outras prerrogativas, dons e benefícios que a Providência queria lhe conceder.

Por isso, foi ele aquinhado com tão virtuosa mãe, verdadeiro manancial, jardim florido de retidão, com o objetivo de ele ter diante dos olhos um ponto de análise, de atração e de sustentação para sua própria inocência. ✦

Extraído, com pequenas adaptações, de: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.I, p.109-114

¹ Do francês: Antigo Regime. A expressão foi utilizada originalmente pelos agitadores girondinos e jacobinos para designar, de modo pejorativo, o sistema de governo monárquico dos Valois e dos Bourbon, precedente à Revolução Francesa de 1789. Na realidade, essa época caracterizou-se pelo esplendor do cerimonial na vida de corte e pela ordem harmônica e hierárquica reinante na sociedade

Ronny Fischer



Xavier Jacob



Cristopher Domingues



Guarany



Sérgio Oliveira



Atividades marianas – O mês de outubro esteve pervadido de variadas atividades marianas. Dentre elas, destacamos a Missa na Catedral Metropolitana de Asunción, Paraguai, em comemoração pelo 108º aniversário da última aparição de Nossa Senhora de Fátima (foto 2); as “Tardes com Maria” no Santuário do Sameiro em Braga, Portugal, com a presença de Dom José Manuel Garcia Cordeiro, Arcebispo Metropolitano (foto 6), no centro de eventos Jardim Mayita, na Cidade do México (foto 1), e na Paróquia São Pedro em Encarnación, Paraguai (foto 3); a procissão do Círio de Nazaré em Belém (foto 5), da qual participaram membros dos Arautos do Evangelho; e a missão mariana e encontro de membros do “Oratório Maria, Rainha dos Corações” em Pavuna, Ceará (foto 4).

Fotos: João Lucas Guimarães



Derivaldo



Diocese de Bragança Paulista – No mês de outubro, o coro e a orquestra dos seminaristas da Sociedade Clerical Virgo Flos Carmeli animaram com suas músicas a festa do padroeiro na Paróquia Menino Jesus e São Benedito em Francisco Morato, com a participação de Dom José Maria Pinheiro, Bispo Emérito de Bragança Paulista (foto 1), e na Igreja de São Benedito em Bragança Paulista, com a presença de Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo Diocesano (foto 2); bem como a solenidade da padroeira do Brasil no Centro Pastoral Nossa Senhora Aparecida, em Caieiras (foto 3).

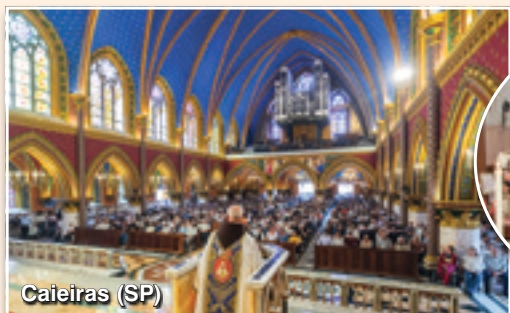


Devoção a Maria, sinal de predestinação!

Novas turmas do curso da Plataforma de Formação Católica Reconquista, dos Arautos do Evangelho, fizeram sua solene consagração a Nossa Senhora como escravos de amor, segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort. “Um dos sinais mais infalíveis de que se é conduzido pelo bom espírito é ser muito devoto de Maria”, afirma o grande Santo mariano.

Destacamos abaixo as cerimônias realizadas no Santuário do Cerro de los Ángeles, em Getafe, Espanha; na

Capela da Ascensão do Senhor, em Pachuca, México; na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP); na Catedral Metropolitana de Fortaleza; na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, São Paulo; na Paróquia Santa Teresinha, Manaus; na Paróquia Jesus Bom Pastor, Cidade Estrutural (DF); na Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência, Rio de Janeiro; na Igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, Juiz de Fora (MG); e nas casas dos Arautos em Joinville (SC), Maringá (PR) e Cuiabá.



Caieiras (SP)



Rio de Janeiro



Espanha



Maringá



São Paulo



Joinville (SC)



Manaus



México



Juiz de Fora (MG)



Cuiabá



Cidade Estrutural (DF)



Fortaleza

Stephen Nami

Maria Fernanda Aguiar

Evertton Sávio

Maria Alice de Souza

Eric Salas

Douglas Esteves

Danielle Florindo

Alan Arauna



Fotos: Marolber Martínez



Estados Unidos – A Igreja de Santa Inês em Key Biscayne, Flórida, prestou uma homenagem a Nossa Senhora de Fátima no dia 19 de outubro. A programação constou da solene coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, seguida da celebração da Santa Missa.

Fotos: Rogério Baldasso



Itália – Entre os dias 16 e 19 de outubro foi realizada uma missão mariana na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na localidade de Trappitello, Messina. Momentos de oração e de catequese foram entremeados com visitas da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria aos lares, colégios e estabelecimentos comerciais.

Nuno Moura



Nuno Moura

Portugal – Os Arautos do Evangelho participaram da procissão no Mosteiro de São Miguel de Refojos, em Cabeceiras de Bastos, realizada no dia 29 de setembro em homenagem do Santo Arcanjo (foto 2), e na celebração em honra a Nossa Senhora Aparecida na Igreja do Póculo, em Braga, presidida por Dom José Cordeiro, Arcebispo Metropolitano, no dia 12 de outubro (foto 1). A instituição também tem promovido todos os sábados a Adoração Eucarística seguida da Santa Missa na Igreja do Santíssimo Sacramento em Lisboa (foto 3).



Fotos: Diego Brites

Paraguai – No dia 12 de outubro, o 108º aniversário da última aparição de Nossa Senhora em Fátima foi comemorado na Igreja da Mãe do Bom Conselho, em Ypacaraí, com a solene coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, seguida da celebração da Santa Missa, presidida por Dom Vincenzo Turturro, Núncio Apostólico no Paraguai, e de um concerto musical em homenagem ao prelado por seu aniversário natalício.



Roberto Hernández



Kassiano Trindade



Fotos: Daniele Fiorindo



Roberto Salas

Sacramento da Crisma – No mês de outubro dezenas de fiéis preparados pelos Arautos do Evangelho receberam o Sacramento da Crisma. Nas fotos acima, cerimônias realizadas na Paróquia Santa Helena em San Salvador, por Dom Luigi Roberto Cona, Núncio Apostólico em El Salvador (foto 1); na casa da instituição na Cidade da Guatemala, por Dom Francisco Montecillo Padilla, Núncio Apostólico na Guatemala (foto 5); na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Juiz de Fora (MG), por Dom Gil Antônio Moreira, Arcebispo Metropolitano (fotos 3 e 4); e na casa da instituição em Campos dos Goytacazes (RJ), por Dom Roberto Francisco Ferrería Paz, Bispo Diocesano (foto 2).



Docilidade às inspirações do Senhor



✠ Ir. Isabel Lays Gonçalves de Sousa



Reprodução

Jônatas e Davi - Igreja de São Filipe e São Tiago, Groby (Reino Unido)

Para Deus, é indiferente promover o triunfo do bem por meio de muitos homens ou de um só; o que importa é que seus eleitos sejam dóceis às inspirações da graça.

Ao percorrer os anais da História Sagrada, muitas vezes deparamo-nos com feitos extraordinários que ultrapassam a compreensão humana. Quem poderia explicar, por exemplo, o profético atrevimento de Jacó ao enfrentar-se por uma noite inteira com o Anjo do Senhor, a fim de obter sua bênção? Ou quem interrogaria a sagaz ousadia de Judite que, sozinha, decepou a cabeça do terrível Holofernes e libertou Israel das mãos dos assírios?

Esses antigos heróis, se vivessem em nossos dias talvez seriam taxados de imprudentes por alguns espíritos práticos. Entretanto, às almas eleitas e cheias de fê Deus muitas vezes inspira atitudes temerárias à primeira vista, mas santamente eficazes para a promoção de sua glória e confusão dos maus. Certo é que seus exemplos, consignados nos textos inspirados, podem nos trazer úteis ensinamentos quando adaptados às realidades presentes.

Consideremos, pois, um desses eloquentes e desconhecidos episódios narrados pela Escritura Sagrada.

Sem armas nem combatentes

Após a entrada na Terra Prometida os israelitas foram governados diretamente por Deus, na pessoa dos juízes e profetas, durante longo tempo. Em certo momento, porém, desejando igualar-se às outras nações eles reivindicaram para si um rei. Sob inspiração divina o profeta Samuel ungiu como soberano Saul, um benjaminita que lamentavel-

mente logo se distanciou do Senhor, desobedecendo suas leis e preceitos.

Ora, durante seu reinado o povo eleito encontrou-se num grande apuro: Jônatas, filho de Saul e valente guerreiro, destruiu a guarnição dos filisteus de Guibeá, atraindo o ódio sobre os hebreus. Os filisteus juntaram-se “para combater contra Israel, com três mil carros, seis mil cavaleiros e uma multidão tão numerosa como a areia na praia do mar” (I Sm 13, 5), enquanto havia apenas seiscentos judeus prontos para a batalha, pois muitos “ocultaram-se nas cavernas, nos matos, nos rochedos, nos fortins e nas cisternas” (I Sm 13, 6), tremendo de medo.

Ademais da descomunal desproporção entre os exércitos, havia ainda outro obstáculo: “Não se encontrava um ferreiro em toda a terra de Israel, porque os filisteus diziam: ‘Não deixemos que os hebreus fabriquem espadas ou lanças’. [...] E chegando o dia do combate, não se encontrou nem espada, nem lança nas mãos do povo que acompanhava Saul e Jônatas. Somente Saul e seu filho Jônatas estavam munidos dessas armas” (I Sm 13, 19.22).

Sem espadas, sem homens e sob o comando de um rei pecador: era essa a difícil situação dos hebreus...

Uma investida ousada

Certo dia Jônatas, tomado por inspiração divina, disse ao seu escudeiro (cf. I Sm 14):

— Façamos uma investida no campo filisteu que está do outro lado!

E sem avisar seu pai, Saul, saiu em direção a uma posição junto a altos e escarpados rochedos, a fim de dali atingir o acampamento inimigo. Também o povo ignorava a saída de Jônatas.

Chegando ao desfiladeiro, convidou seu escudeiro:

— Vem, ataquemos a guarnição desses incircuncisos; talvez o Senhor combata por nós. Nada impede que Ele dê a vitória a poucos tão bem como a muitos.

O soldado, fiel a seu senhor e à voz de Deus, respondeu:

— Faze como te aprouver; vai aonde quiseres, que eu te seguirei.

Jônatas, então, pediu ao Altíssimo um sinal e fez a seguinte proposição:

— Marchemos contra esses homens e mostremo-nos a eles. Se nos disserem: ‘Esperai até que vamos ter convosco’, ficaremos em nosso posto e não subiremos a eles. Se, porém, nos disserem: ‘Subi a nós’, iremos porque o Senhor no-los terá entregado nas mãos. Isso nos servirá de sinal.

Então os corajosos guerreiros insinuaram-se aos opositores, que gritaram:

— Eis os hebreus que saem das tocas onde se tinham escondido! Subi a nós, queremos dizer-vos uma coisa!

Cheio de entusiasmo, Jônatas compreendeu o sinal enviado por Deus e disse ao escudeiro:

— Segue-me, porque o Senhor os entregou nas mãos de Israel!

Jônatas atravessou impetuosamente os rochedos e alcançou os filisteus, que caíam uns após os outros à sua frente, sendo mortos pelo escudeiro que o seguia.

O terror de Deus espalhou-se pela terra

Ao verem o tumulto causado por Jônatas, “espalhou-se o terror no acampamento dos filisteus, assim como na região e entre todo o povo. A guarnição e os saqueadores ficaram tomados de espanto, e a terra ficou em pânico: pois aquilo era como um terror de Deus” (I Sm 14, 15).

Saul, que permanecia no acampamento, ignorava o que se passava. Logo as sentinelas avistaram uma multidão de fugitivos dispersando-se por todos os lados. Fizeram, pois, uma chamada e constatou-se a ausência de Jônatas e de seu escudeiro. Enquanto isso, a confusão e o espanto só aumentavam no acampamento dos filisteus, que voltavam a espada uns contra os outros.

Os israelitas antes foragidos, quando souberam que os adversários fugiam, saíram a acossá-los. Naquele dia, por meio de uma profunda inspiração, que aos olhos humanos poderia parecer grande imprudência, “o Senhor deu a vitória a Israel” (I Sm 14, 23).

O arco de Jônatas nunca recuou!

Jônatas se nos afigura como um símbolo da fé e da generosidade no Antigo Testamento.

Forte e audacioso no combate – porque punha toda a sua confiança no auxílio do Senhor Deus dos exércitos –, dotado de capacidade de comando e estimado pelo povo (cf. I Sm 14, 45), era ele o pretendente perfeito ao trono de Israel após a morte de Saul. Sem embargo, não hesitou em ceder, num gesto de profunda admiração, seu lugar ao ungido do Senhor, Davi, “que ele amava como a si mesmo” (I Sm 18, 3): “Tu reinarás sobre Israel, e eu serei o segundo depois de ti” (I Sm 23, 17).

Davi tanto o estimou que, mais tarde, quando soube de sua morte em campo de batalha, compôs em sua honra um belíssimo cântico, enaltecendo inclusive – por consideração a Jônatas – a figura de Saul, embora este houvesse desobedecido a Deus:

“Tua flor, Israel, pereceu nas alturas! Como tombaram os heróis? Não anuncieis em Get nem o publiqueis nas ruas de Ascalon, para que não



Por meio de uma inspiração que aos olhos humanos poderia parecer imprudência, “o Senhor deu a vitória a Israel”

Jônatas em batalha, por J. Fouquet

exultem as filhas dos filisteus, para que não se regozijem as filhas dos incircuncisos.

“Montanhas de Gelboé, não haja sobre vós nem orvalho nem chuva! Campos assassinos, onde foi maculado o escudo dos heróis! [...] O arco de Jônatas jamais recuou, a espada de Saul jamais brandiu em vão! Saul e Jônatas, amáveis e encantadores, nunca se separaram, nem na vida nem na morte, mais velozes do que as águias, mais fortes do que os leões! [...]”

“Como caíram os heróis? Em pleno combate Jônatas tombou sobre as tuas colinas. Jônatas, meu irmão, por tua causa meu coração me comprime! Tu me eras tão querido! Tua amizade me era mais preciosa que o amor das mulheres. Como caíram os heróis? Como pereceram os artilheiros de guerra?” (II Sm 1, 19-27).

Peçamos ao valoroso Jônatas que nos assista em todas as batalhas da vida e nos obtenha a graça de imitar sua ousadia santa, sua admiração e profunda humildade, sua inteira docilidade à voz de Deus em nossas almas! ✨

Enlevo, serviço e sacrifício pervadido de alegria

Pierre Toussaint compreendeu a verdadeira liberdade dos filhos de Deus e teve suas tendências e mentalidade transformadas pela virtude da admiração.

✎ Raúl Eduardo Ríos Portillo



As demonstrações heroicas de fé que nos chegam da África nos obrigam ao respeito e nos inspiram veneração. Se a ingenuidade nos houvesse levado a imaginar a era dos mártires relegada aos livros de História e a esquecermos que no mundo teremos tribulações (cf. Jo 16, 33), trazem-nos hoje os nossos irmãos africanos copiosos testemunhos de sangue, a envergonhar, pelo exemplo, tantas partes do mundo abatidas por um verdadeiro inverno demográfico de batizados. Lá, onde grassa a perseguição religiosa, cresce o número de filhos de Deus e de ministros de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em honra desses nossos irmãos evocamos aqui o exemplo, não propriamente de martírio, mas de vida cristã e de virtudes heroicas do Venerável Pierre Toussaint.

Como não reconhecer já à primeira vista, no porte ereto, no olhar penetrante, na acolhedora e discreta inclinação da cabeça, na mão a pousar distendida, mas firme, sobre a mesa, enfim, no imponderável difuso de nobreza, limpeza, força e recato, o caráter de um autêntico *gentleman* e, mais, do varão católico humilde e senhor de suas paixões? Qual é a origem de tantas qualidades?

Pierre nasceu na escravidão em 1766, no Haiti, então colônia francesa que ocupava a parte ocidental da Ilha

de São Domingos. Os senhores a quem servia, a família Bérard, eram abastados proprietários de terra. Não pensemos, porém, na cruel escravidão pagã nem em certos abusos do período colonial. Sua avó Zenóbia, ama-seca dos filhos da casa, tornou-se tão estimada por seu leal serviço que recebeu a liberdade. Sua mãe, Úrsula, era a camareira particular de *Madame* Bérard. Pierre, por sua vez, dedicava-se à lavoura e ganhou todos os corações por sua alegria e gentileza. Assim no-lo descreve uma testemunha: “Lembro-me de Toussaint entre os escravos, vestido de jaqueta vermelha, muito espirituoso, entusiasta de música e dança, e sempre devotado à sua senhora, que era jovem e alegre”.¹

Tendo Jean Bérard, com sua família e alguns escravos, retornado para a França, deixando ao filho mais velho o cuidado de suas terras na América, desencadeou-se o incêndio da Revolução Francesa, que logo se alastrou pelas colônias com o prurido frenético dos dúbios ideais de “liberdade” fratricida. Vendo também suas propriedades no Haiti ameaçadas, o patriarca decidiu fugir para Nova York, esperando reavê-las quando os acontecimentos se acalmassem.

Nesse intento viajou alguns anos depois à Ilha de São Domingos, enquanto sua esposa permaneceu em Nova York à espera de notícias. E elas chegaram, tão sombrias como a sucessão dramática

das desventuras de Jó (cf. Jó 1, 13-19). Uma primeira carta do Sr. Bérard anunciava: todas as propriedades na colônia encontravam-se irremediavelmente perdidas. Logo uma segunda missiva comunicava à Sra. Bérard o falecimento do esposo, devido a uma pleurisia. Mal ela se havia recuperado do trauma quando a notícia da falência da firma onde estavam depositados os bens da família bateu às portas de sua casa. Aos pés da pobre malograda, restava de seus tesouros apenas um escravo devotado e generoso, o bom Pierre, que a partir desse momento dedicou-se à sua senhora por inteiro e abnegadamente.

Não tardaram a assomar-se os credores enraivecidos. Tendo abandonado as regalias que antes possuía, *Madame* Bérard viu-se numa situação cada vez mais aflitiva. Chamou certa vez Pierre, entregou-lhe algumas joias e indicou que as vendesse pelo melhor preço. Com dor no coração, ele não pôde obedecer. Alguns dias depois, reunindo todo o pecúlio que fizera exercendo o ofício de cabeleireiro, surpreendeu sua senhora pondo em suas mãos dois pacotes: um com as joias e outro com a importância equivalente. Ao cabeleireiro que a procurou para cobrar antigas dívidas, ele ofereceu em troca um período de serviço e quitou o débito, completando o valor com o presente de ano novo que havia recebido.



Pierre Toussaint no final da vida; no fundo, Catedral de São Patrício, Nova York, em cuja cripta jazem os seus restos mortais

“Sua operosidade era incessante e cada hora de seu dia bem empregada; assim que ficava livre de suas ocupações, seu primeiro pensamento era para sua senhora, apressando-se em voltar a casa para tentar alegrá-la [...] Seu grande objetivo era servi-la”² e o fazia até o requinte, sacrificando-se silenciosamente. Sempre que podia enchia sua mesa de iguarias e raros frutos tropicais. Vendo-a abatida, logo a persuadia a preparar uma festa. Pierre convidava uns poucos amigos próximos e, no dia marcado, fazia o penteado de sua senhora, o qual coroava com alguma rica flor que, às escondidas, havia comprado. Preparava a mesa, decorava a casa e recebia os visitantes à porta, vestido em grande estilo.

Apenas com uma coisa não se conformava: “Eu a conheci”, dizia ele, “cheia de vida e alegria, ricamente vestida e participando dos divertimentos com animação. Agora a cena está mudada, e isso é muito triste para mim”³. A principal biógrafa de Pierre pondera sabiamente: “Havia algo que ia muito além da devoção de um fiel escravo e que parece participar de um conhecimento da mente humana, de uma percepção intuitiva das necessidades da alma, que nasceu de sua própria natureza finamente ordenada”⁴. Até o fim da vida, ele seria para sua senhora o auxílio em todas as horas.

Com sua alma doce, prestativa e religiosa, percorria as ruas de Nova York,

sendo requisitado por seus serviços de cabeleireiro pelas damas da alta sociedade. Curiosamente, não eram raras as ocasiões em que a estética capilar era posta num segundo plano e Pierre se via obrigado a dedicar-se ao cuidado das almas, pois havia adquirido a fama de admirável conselheiro. Maria Ana Schuyler, nora do General Philip Schuyler, tinha a Pierre como único confidente e o chamava “meu santo”. Muitas foram as almas beneficiadas com seu trabalho generoso, suas palavras sábias ou sua simples presença.

Após o falecimento da Sra. Bérard, o pequeno apartamento-escritório de Pierre tornou-se abrigo de órfãos, sacerdotes refugiados e trabalhadores caídos na pobreza, por quem ele intercedia junto a pessoas importantes da cidade, conseguindo-lhes emprego e ajeitando-lhes a vida. Viveu até os oitenta e sete anos, como católico e perseverante frequentador dos Sacramentos, num ambiente infenso à Fé.

Incontaminado de toda inveja e ignorando o amargor da revolta, Pierre Toussaint ostentou para lição da História o distintivo do verdadeiro católico: a generosidade cheia de alegria. O serviço nobilitou-o e a admiração – ato de justiça que prestamos, gaudiosos, a tudo quanto nos é superior – dotou sua alma de delicadeza, perspicácia e bom gosto. Ele compreendeu que Deus ama todos os homens e, por isso, os dispôs em harmoniosa escala de perfeições, para que cada qual proceda conforme o dom que recebeu (cf. I Pd 4, 10-11) e todos se enriqueçam fazendo-se escravos uns dos outros pela caridade (cf. Gal 5, 13). ✝

¹ LEE, Hannah Farnham Sawyer. *Memoir of Pierre Toussaint, Born a Slave in St. Domingo*. 3.ed. Boston: Crosby, Nichols and Company, 1854, p.15.

² Idem, p.20.

³ Idem, p.25.

⁴ Idem, p.26.



Nascido para ser amado por Maria

Desde o primeiro instante da concepção do Verbo, Nossa Senhora presta-Lhe ininterruptos atos de adoração.

Do seu Imaculado Coração brota o sangue que constituirá seu Corpo; porém, o que mais O alimenta são as torrentes de amor que por Ele jorram desse mesmo Coração.

O papel de Maria consiste em amá-Lo, adorá-Lo e glorificá-Lo como jamais outra criatura poderá fazer. Esse Menino foi criado no tempo, sobretudo, para ser amado por Ela.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP